

Organizadores

Carina Malaquias de Lima

Lilium Cristina Barras Cohen

Paulo Murilo Guerreiro do Amaral

ANDANÇAS & CHEGANÇAS

MESTRE NEGO RAY

FESTIVAL
DE CARIMBÓ
DE ICOARACI

REPROGRAMAÇÃO
DIAS 04, 05 E 06 DE JUNHO DE 2010.

GRUPOS DE BATERIA, CORDEIR (CORRACI),
CORDEIRAS (CORRACI), SALINAS, SARTI,
CORDEIRAS (CORRACI), SALINAS, SARTI,
CORDEIRAS (CORRACI), SALINAS, SARTI

LOCAL: ESPAÇO CULTURAL COVENS DE NEGRO
(RUA LOPE DE CASTRO, PRÓX. À QUINTA RUA)
IN: R\$ 15,00
DE: 19:00 às 23:00

Belém, 2021

ANDANÇAS E CHEGANÇAS

Autor

Raimundo Piedade da Silva

Organizadores

Carina Malaquias de Lima

Liliam Cristina Barros Cohen

Paulo Murilo Guerreiro do Amaral

**BELÉM, PA.
2021**

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Diagramação

Tainá Façanha

Editoração Eletrônica

Tainá Façanha

Capa

Carolina Lima (arte gráfica)

Bruna Suelen (direção de arte)

Revisão Textual

Imagine textos

Paulo Murilo Guerreiro do Amaral

Ficha Catalográfica

Larissa Lima da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA**

S586a

Silva, Raimundo Piedade da.

Andanças e Cheganças [recurso eletrônico] / Raimundo Piedade da Silva; organizadores: Carina Malaquias de Lima, Liliam Cristina Barros Cohen, Paulo Murilo Guerreiro do Amaral. — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/ UFPA, 2021.

Inclui bibliografias.

Modo de acesso:

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/pesquisa/producao-intelectual>

ISBN 978-65-88455-13-5

1. Músicos-Bibliografia. 2. Arte. 3. Cultura. 4. Etnomusicologia. I. Lima, Carina Malaquias de, org. II. Barros, Liliam, org. III. Amaral, Paulo Murilo Guerreiro. IV. Título.

CDD 23. ed. – 781.63092

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Adriana Valente Azulay (Diretora-Geral)

Joel Cardoso da Silva (Diretor-Adjunto)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

José Afonso Medeiros Souza (Coordenador)

Rosângela Marques de Britto (Vice-Coordenadora)

EDITORA PPGARTES*

Liliam Cristina Barros Cohen (Coordenadora Editorial)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof.^a Dr.^a Liliam Cristina Barros Cohen (Presidente)
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Ana Flávia Mendes Sapucaí
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof.^a Dr.^a Ana Mae Tavares Bastos Barbosa
(ECA, Universidade de São Paulo; Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof.^a Dr.^a Giselle Guilhon Antunes Camargo
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva
(FBA, Universidade do Porto)

Prof.^a Dr.^a Laura Malosetti Costa
(IA, Universidad Nacional San Martin)

Prof.^a Dr.^a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral
(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof.^a Dr.^a Rejane Coutinho
(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof.^a Dr.^a Valzeli Figueira Sampaio
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Dedico este livro em memória dos meus pais, Osvaldo Esteves da Silva e Teófila da Piedade da Silva, à minha Esposa Maria Ângela e ao meu filho Ariel Bahia; aos companheiros Luizinho Lins, Welton Ferreira, Silvio Barbosa, Walter Figueiredo, Ronaldo Silva e a todos os colaboradores do carimbó de Icoaraci; às comunidades Quilombolas por onde andei, em especial à Professora, Líliam Cohen, que desde o primeiro contato que tivemos comprometeu-se em tornar viável a realização de um sonho.

APRESENTAÇÃO

Este livro integra ações do Projeto “Arte em Toda Parte: temas transversais como colaboradores sociais”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Música e Identidade na Amazônia e ao Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Pará. O livro é uma autobiografia do Mestre Raimundo Piedade, organizado pelos pesquisadores e o artista por meio de colaboração mútua, e favorecendo a perspectiva do próprio autor sobre sua história de vida e seu modo de ver a vida e a arte, especialmente a música. Consideramos de grande importância que sua voz e seu conhecimento sejam difundidos e valorizados. O Laboratório de Etnomusicologia da UFPA se compraz e se orgulha desta colaboração.

Os organizadores

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Grupo Bambarê	17
Foto 2 - Época do Axé Dudu	18
Foto 3 - Espaço Cultural Coisas de Negro	21
Foto 4 - Comunicado I festival de carimbó de Icoaraci	25
Foto 5 - Cartaz do I festival de carimbó de Icoaraci.....	25
Foto 6 - MOVACI	27
Foto 7 - Oficina no Coisas de Negro	28
Foto 8 - Cartaz da Oficina de Vivências Musicais no Espaço Cultural Coisas de Negro – 2015	29
Foto 9 - Bandula	31
Foto 10 - Atelier de lutheria do Mestre	33
Foto 11 - Banjo.....	33
Foto 12 - Manuel Severiano – Óbidos.....	40
Foto 13 - Oficina na comunidade Silêncio do Mata – Óbidos	41
Foto 14 - Oficina em Óbidos	41
Foto 15 - Mestre Bira e Mestre Nego Ray.....	42
Foto 16 - Oficina em Boa Vista do Cuminam - Oriximiná	42
Foto 17 - Oficina em Boa vista do Cuminam – Oriximiná	42
Foto 18 - Oficina em Boa vista do Cuminam – Oriximiná	42
Foto 19 - Oficina em Boa vista do Cuminam – Oriximiná	42
Foto 20 - Oficina em Boa vista do Cuminam – Oriximiná	42
Foto 21 - José Ferreira Nascimento (Zé bola) - Moju	43
Foto 22 - Seu Jorge - Castanhanduba – Moju	43
Foto 23 - Oficina em Castanhanduba – Moju.....	43
Foto 24 - Arraial do Pavulagem	43
Foto 25 - Banjo do Seu Jorge – Castanhanduba – Moju	44
Foto 26 - Oficina em Laranjetuba – Moju	44
Foto 27 - Oficina em Laranjetuba - Moju.....	45
Foto 28 - Mestre Nego Ray – Oficina em Moju.....	45
Foto 29 - Capa do CD do grupo Mundé	49
Foto 30 - Art. De Alex (Layon).....	50

Foto 31 - Espaço Cultural Coisas de Negro	82
Foto 32 - Espaço Cultural Coisas de Negro	82
Foto 33 - Mestre Nego Ray trabalhando em sua oficina	82
Foto 34 - Mestre Nego Ray em Espaço Cultural Coisas de Negro	82
Foto 35 - Lourival Igarapé - Oficina no Coisas de Negro	83
Foto 36 - Desenho de Karlos Kialhada.....	83
Foto 37 - Mestre Nego Ray	83
Foto 38 - Mestre Nego Ray construindo Barrica.....	83
Foto 39 - Matéria do Jornal O Liberal 31-07-2001	84
Foto 40 - Matéria do Jornal O Liberal 04-04-2003	84
Foto 41 – Wapokai - Consórcio Social da Juventude de Belém Pará. Junho-2005.....	85
Foto 42 - Matéria do Site Portal Cultura 26-07-2005.....	86
Foto 43 - Jornal Diário do Pará 01-10-2005	87
Foto 44 - Jornal Diário do Pará 01-10-2005	87
Foto 45 - Jornal O Liberal 29-10-2006.....	88
Foto 46 - Jornal O Liberal 29-10-2006.....	88
Foto 47 - Ofício I Encontro de Articulação da Campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”	89
Foto 48 - Relatório I Encontro de Articulação da Campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”	90
Foto 49 - Jornal Diário do Pará 07-06-2010.....	91
Foto 50 - Jornal Diário do Pará 04-06-2011	91
Foto 51 - Jornal Diário do Pará 07-10-2011	92
Foto 52 - Jornal Diário do Pará 12-09-2014.....	92
Foto 53 - Revista Amazônia Viva - novembro 2014.....	93
Foto 54 - Revista Amazônia Viva - novembro 2014.....	94
Foto 55 - Registro das letras de música 01-12-2015	95

LISTA DE COMPOSIÇÕES

CHAMA ARDENTE.....	52
NAQUELE LUGAR.....	53
SEMAMBÊ	54
POVO DA MATA.....	55
CURUMINS	56
LUAR	57
TIA MARIA	58
ANUNCIAÇÃO	59
NA MAREZIA	60
TAMBOR.....	61
CAPITÃO DO MATO	62
ALVORADA.....	63
PERFUME.....	64
XOTE DO ARARI	65
NA GARGANTA DO RIO AMAZONAS.....	66
LARANJETUBA	67
MARIA JOANA.....	68
CUMINÃ.....	69
EM BUSCA DE TRABALHO.....	70
JUTUBA.....	71
RIO GUAMÁ	72
NEGRA BONITA	73
LUCY AÇUCENA.....	74
MANOEL SEVERIANO	75
4 ELEMENTOS	76
NA FLORESTA	77
ENCANTARIAS	78
DIVINA PRESENÇA.....	79
CASA DE BAMBA.....	80

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	12
TRAJETÓRIA DE VIDA.....	13
SURGIMENTO DO ESPAÇO CULTURAL COISAS DE NEGRO	20
CAPÍTULO 2	22
O CARIMBÓ DE NEGRO RAY	23
LUTHERIA	30
OFICINAS.....	35
GRUPO MUNDÉ.....	46
CAPÍTULO 3	51
COMPOSIÇÕES	52
ANEXOS	81

CAPÍTULO 1

TRAJETÓRIA DE VIDA

Eu nasci em Icoaraci¹, no ano de 1958, e sempre morei nesse local, nessa parte que vai até a sorveteria Delicias da Vila, onde havia um grande terreno. Tudo era da família. E, tempos depois, cada membro foi vendendo a sua parte, restando apenas o espaço no qual minha família e irmãos residem, atualmente. Nesse ambiente eu vivenciei inúmeras coisas relacionadas à cultura popular.

Na época em que eu era jovem aconteciam numerosas Festividades de Santos conhecidos: Santo Antônio, São Pedro, São João, São Marçal e Nossa Senhora da Conceição. Era muito comum, nessa época, os festejos trazerem grupos de carimbó para se fazerem presentes nas festividades. Havia o momento das ladainhas dos santos, que eram rezadas. E, dentro dessa programação, tinham os grupos de carimbó. Lembro bem dos rezadores dessas ladainhas que frequentavam as festividades: Seu Zito Nunes, conhecido como Frango Leso, que tocava o banjo; Seu Flauzino tocava saxofone. Zito era o rezador de ladainha. E tinha o Seu Pedro Coutinho, que também exercia a mesma função que Zito. Pedro Coutinho é um dos remanescentes do grupo do Augusto Gomes Rodrigues (Mestre Verequete). Está vivo e ainda reza. Têm muitas composições deles no disco do Verequete. Mesmo sem o conhecimento de muitos, Pedro Coutinho é compositor de várias obras. Então, é importante salientar isto. Eu acompanhei esse compositor aqui no Boteco Santo Antônio; ali no Seu Argemiro, onde acontecia a Festividade de Nossa Senhora da Conceição, e em outros espaços, também.

Aqui na esquina, próximo à Casa Pena, morava o Seu Constâncio. Era festejado São Pedro, e era muito comum ter a presença dos grupos de carimbó. E eu, garoto, vivenciava tudo isso. Ficava pelo no meio dos conjuntos. Serenava festa. Não tinha tanto essa questão da proibição de menores nos lugares. Além das festas e fogueiras - era muito comum fazerem fogueiras - aconteciam os casamentos na roça. E eu participei de tudo isso. Por isso tenho essa trajetória toda.

Quando criança eu via os grupos de carimbó. Havia o grupo Brasa Viva, que pertencia ao Sargento Enéas, que tocava saxofone. Ele já fez a passagem. Até hoje ainda existe o grupo Água Negra, de Seu João Ribeiro, esposo da dona Maria Nazaré do Ó. Eles sempre tocam no

¹ Distante de Belém cerca de vinte quilômetros, Icoaraci compõe um conjunto de distritos que rodeia a Capital paraense. A partir de Icoaraci pode-se acessar, via transporte fluvial, ilhas paraenses tais como Cotijuba e Marajó.

Espaço Cultural Coisas de Negro. Outros grupos que se apresentavam vinham da Região do Salgado. Eram vários grupos. Tinha o grupo do Seu Favacho, aqui no quilômetro vinte e três, lugar onde Dona Maria de Nazaré do Ó morava com Seu João Ribeiro.

Eu era garoto e andava por ali passarinhando. Gostava de andar com os passarinhos. Via os tambores do grupo Águia Negra pegando sol. Na época fui brincante no Boi-bumbá chamado Pingo de Ouro, aqui no furo do [rio] Maguari. Tinha idade de 10 a 12 anos. Nós ensaiávamos... E, ao término do ensaio, como os terrenos eram abertos, eu passava por trás dos terrenos que vinham lá da casa do Verequete. O Mestre morou aqui na sétima rua, e tinha uma peixaria no espaço onde eles tocavam. Ver aqueles batuques me deixava muito fascinado. O banjista do Verequete, conhecido como Mestre Curica, ainda está vivo. O João Batista, conhecido com o apelido de Corré, tocava o curimbó. Ainda habitante deste mundo, o Josino Zaranza, hoje falecido, tocava clarinete; e outros, que ainda estão vivos, vez ou outra encontro aqui. No ano de 1960 para 1970, eu, na faixa de 12 anos, já frequentava esses locais e vivenciava isso.

No Pingo de Ouro eu tocava barrica, um instrumento que fazia parte da percussão. Lá dentro do Pingo de Ouro tinham dois Mestres: o Amo do Boi e o Fazendeiro. O Amo chamava-se Francisco e o Fazendeiro chamava-se também por Papinha – apelido dado para ele. Sobre as toadas de Boi, tem uma que marcou bastante:

*Eu serrei meu apito chamei meu povo,
Para reunir,
Eu serrei meu apito chamei meu povo,
Para reunir,
Deus é pai nossa senhora é mãe,
Pelas horas que são venha nos valer.*

Essas coisas me marcaram muito. Esta toada é de domínio público e foi muito forte nas manifestações daqui de Icoaraci, onde existia muito Boi-bumbá e grupos de carimbó. O Verequete tocou muito, bem como os Irmãos Coragem, Brasa Viva, Dona Nazaré do Ó e Águia Negra. Alguns tinham mais projeção – por exemplo, os Irmãos Coragem, que chegaram a gravar com [a cantora] Nazaré Pereira. Hoje em dia não estão mais ativos. Mas costumo encontrar algumas pessoas deste grupo, como o sobrinho do Seu Dodó, chamado de Jaci, o qual também integrava o grupo dos Irmãos Coragem. Com a vivência dele nos Irmãos

Coragem foi criado um grupo chamado de Caçulas da Vila. Seu Jaci também compõe... Então, essas coisas que vivenciei ficaram marcadas em mim, e hoje estão se manifestando.

Na minha família tinha um músico, mas eu não cheguei a conhecer. Segundo um baterista que tocava aqui, o Antônio Bernardo, chamado de Be, chegou a tocar com Guilherme Coutinho, Álvaro Ribeiro e vários artistas na noite belenense, principalmente no bairro da Condor². Ele disse que tinha um cidadão chamado Cantilho, que tocava clarineta. Esse clarinetista era meu tio. E, somente a partir de relatos é o que sei dele. Ele tocava muito carimbó. Faziam Folias, Santos Reis, essas coisas que eram muito comuns e fortes aqui. Quando adolescente eu tinha interesse muito grande em estar no meio das manifestações. Já meus irmãos não tiveram esse interesse. Logo seguiram outros caminhos. Tive o interesse maior de participar, olhando. A curiosidade me chamava muito atenção, especialmente a questão dos instrumentos, como eram tocados. Isso foi muito gratificante para mim.

Os instrumentos que aprendi logo a tocar foram os de percussão. Reproduzia e, como não tinha conhecimento de construção, na época, eu fazia umas caixas quadradas e colocava uma pele de preguiça para tirar o som. Já na fase adulta, quando fui para Cachoeira do Arari, tive a oportunidade de ver que lá, nos grupos de Boi Bumbá, são usadas essas caixas encouradas com pele de cobra. As coisas não acontecem por acaso. Nunca tinha visto essas caixas e nem sabia que eles usavam lá. Mas, na minha infância, o que eu via e o que eu pudesse reproduzir para tirar o som, eu fazia. Fazia quadrada. Pegava as caixas de tomates para construir e, embora ainda jovem, já tinha a motivação de tentar fazer igual. Enquanto as outras crianças brincavam, eu ia fazer as caixas para tirar som. Pegava esses balões que são usados em festa de aniversário, estourava e colocava numa lata de leite para tirar som. Era uma ideia automática, minha, de experimentar sonoridades. Cheguei, muitas vezes, a ser levado à diretoria da escola porque gostava de batucar nas carteiras. Na hora da recreação ficava batucando, e acabava dispersando, muitas vezes.

As minhas brincadeiras geralmente eu que fazia. Por exemplo, hoje em dia o óleo vem em garrafa pet mas, naquela época, os óleos vinham em latas. Eu transformava aquelas latinhas em uns carrinhos, numas caçambas para brincar. Era brincadeira que eu mesmo fazia. Sempre tive essa facilidade de manuseio de artesanato, e da curiosidade, também. Desde sempre meu interesse foi para percussão. Então, fui experimentando todos os instrumentos de

² **Condor** é um bairro da cidade de Belém. O mesmo faz fronteira com os bairros Cremação, Jurunas, Guamá e Batista Campos

percussão que estavam aparecendo na minha frente. Pegava ficha de refrigerantes para batucar e pregava na madeira para criar aquele som. Mola de caderno para colocar em pedaço no cano; alguma coisa que pudesse flexionar, tirar aquele som do reco-reco. Lata de goiabada para colocar fichinha e fazer pandeiro. Essa gama de informações de quando era adolescente.

Cheguei a participar de um grupo de teatro, em Belém, chamado Bambarê, no ano de 1985. Na época já era mais crescido. Em 1982 morei no Rio. Depois vim para cá. E, em 1985, voltei a ter esse contato, novamente. É como se aquilo tivesse parado, um tempo, aquela coisa que vivenciei. E, de 1985 para cá, comecei a me interessar novamente pela questão da música. Fui participar do grupo de teatro. Quando comecei a participar do teatro estavam precisando de uma pessoa para fazer a sonoplastia. Fiz uma excursão pelos terreiros de candomblé, ocasião na qual tive esse contato com umbanda.

No Bambarê havia pessoas ligadas ao Cedenpa,³ que é o Centro de Estudo e Defesa do Negro do Pará. Então fui aos terreiros de candomblé para pesquisar alguns ritmos. Quem coordenava o grupo de teatro era o Edson Catende. A proposta era trabalhar a questão da música, dança e poesia. Havia, também, momento no qual se fazia a declamação de poesias. E, naquele momento, eu ficava fazendo um fundo sonoro de efeito. Da forma como o projeto estava sendo colocado, criava-se ali uma sonoplastia de forma distinta. Foi nesse momento que fiz essa entrada nos ritmos do candomblé e aprendi a tocar.

³ “O Cedenpa é uma Entidade sem fins lucrativos, sem vínculos políticos-partidários, fundada em 10 de agosto de 1980 e legalizado em 27 de abril de 1982, que, a partir do Estado do Pará, vem contribuindo no processo de superação do racismo, preconceito e discriminação que produzem desigualdades sócio-raciais, de gênero e outras, prejudicando, sobretudo, a população negra e indígena, em todos os aspectos da sociedade brasileira.” Fonte: <http://www.cedenpa.org.br/>



Foto 1 - Grupo Bambarê
Acervo: Mestre Nego Ray

Outra pessoa que também foi muito importante no repasse de alguns ritmos foi Gerson Figueiredo (artisticamente conhecido como Aritanã), percussionista das antigas que tocou muito com a banda Warilou. Algumas poesias eram do Edson Catendê. Outras eram de Argeu Neto e Catabira Mocambo. Todos tinham relação com o universo afro-amazônico, e, por isso, fui fazer essa pesquisa. Como os integrantes do grupo Bambarê eram militantes do Cedenpa, acabei tendo essa oportunidade de também participar desses momentos. Serviu também como forma de conscientização do negro. Tanto isso é verdade que o próprio nome do Espaço Coisas de Negro foi em decorrência dessa minha passagem por lá – para poder colocar uma coisa que tivesse uma projeção bem forte, como tem o Coisas de Negro, hoje em dia. Essa minha passagem por lá foi uma das coisas que marcaram muito a minha vida. E, quando resolvi colocar o nome neste Espaço, isso pesou muito em minha decisão. Sabia mesmo o que estava fazendo e a importância que tudo isso teria, como está tendo, até hoje.

Então, essa inserção no universo afro-amazônico foi de fundamental importância; uma base que solidificou... Eu fiquei no teatro durante uns três anos. E, nesse período, havia um bloco afro no Cedenpa que se chamava Axé Dudu, e que percorria as algumas ruas de Belém. Esse trabalho do grupo de teatro era levado para as comunidades, nos centros comunitários, e trabalhava essa questão. Foi muito importante. E foi rápido que eu assimilei aquelas questões dentro do teatro. Comecei a criar instrumentos de efeitos, essas coisas.



Foto 2 -Época do Axé Dudu
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

Na fase do teatro fui ao terreiro do Edson Catende, no Maguari, aqui em Icoaraci. Frequentava os terreiros de mina. Existiam muitos terreiros como o da Mãe Glória, Seu Mário - o qual trabalhava numa linha só de pena e maracá [ou maraca], fazendo parte, assim, da umbanda. Hoje em dia aquela quantidade de terreiros está diminuindo. Espantoso como que isso acontece. A tradição vai acabando a partir daquela pessoa que não deixa gente da família participar, e não assume aquela questão. E então as coisas tendem a acabar. Os batuques eram o que mais se ouvia. Sabíamos até em que dias aconteciam. “Pai Antônio tá tocando, ele que tá tocando hoje”. Como não havia toda essa sonoridade na cidade, como temos hoje, nós ouvíamos “olha... tá tocando lá no Seu Lili; é lá que tá tocando”. Quando não era no Seu Antônio, era na Mãe Glória. Em Belém cheguei a andar ali pela Pedreira [bairro da Pedreira]. Minha mãe me levou uma vez ali no terreiro da Dona Neném Gaia, mas por outras razões.

Nos grupos eles me passaram o conhecimento dos ritmos, com propósito de aperfeiçoamento. Chegamos a perguntar se não haveria nenhum problema usar dentro do que nós estávamos propondo. Então falaram que não, uma vez que já estávamos pedindo permissão a eles para fazer uso daquelas coisas. Foi um processo bastante natural. Além dos ritmos usamos os atabaques para fazer os toques. Alguns toques eram tocados com as mãos e outros com “alguidavi”, que são umas varetas de madeiras. Aprendi os toques e decorei tudo de cabeça. São muitos toques. Inclusive houve uma participação do toque, no trabalho, do grupo Mundé, que é uma coisa mais contemporânea, composto pelo tambor, uma guitarra, contrabaixo e uma percuteria que uso. Utilizamos um toque do candomblé chamado “aguerê de Iansã”. Costumava usar o atabaque e a cabaça para fazer xequerê em algumas levadas. Havia momentos que usava só aquele instrumento para fazer encenação no trabalho do grupo. Construí todos os instrumentos, uns feitos de bambu, efeitos de unhas de boi, casca de seringa, de muita coisa que dá para se fazer e tirar um pouco de som. O Silvio de Albuquerque, conhecido como Pereira, me ajudou a construir esses instrumentos. Construímos uma espécie de estante, feita de bambu, penduradas, e com vários efeitos, chaves, conchas... Tenho registro na TV Cultura. Isso durou mais ou menos até 1988. Depois eu saí do grupo. Uma coisa que me chateou muito foi que me deslocava daqui de Icoaraci para ensaiar lá para aquelas bandas do [teatro] Waldemar Henrique, e os que moravam no centro da cidade [de Belém] acabavam chagando muito atrasados.

SURGIMENTO DO ESPAÇO CULTURAL COISAS DE NEGRO

No ano de 1985 tive a ideia de fazer uma barraquinha para vender frutas, reaproveitando pedaços de madeira da casa velha que tinha sido demolida. Fiz um quartinho lá atrás, para mim. Montei o meu espaço. Construí essa quitanda. Mas, na hora de comprar as frutas, faltou o capital. Então comecei a pensar no que eu poderia fazer para conseguir o dinheiro necessário. Lembrei de uma brincadeira que gostava: empinar papagaio, rabiola, cangula e as curiquinhas⁴. Não existiam essas pipas que predominam hoje, feitas de tala e plástico. Na minha época tínhamos todo um trabalho de criar desenhos específicos usando papel de seda de variadas cores. Fiz uma quantidade de vinte, entre rabiolas, papagaios e cangulas. E, no primeiro momento, vendi tudo. No dia seguinte dobrei a produção, e acabou virando uma fabriqueta. Vendia de tudo relacionado a essa brincadeira. Trabalhei com fruta durante uns três anos, e depois desvaneci da fruta. Voltei a fazer aqueles artesanatos, inclusive as barricas utilizadas nos Bois-bumbás: afoxé, caxixe, maracás, berimbau. Com a venda desses produtos pude viajar por lugares que tinha vontade de conhecer, tipo Algodal e Ilha do Marajó. Foi na época em que conheci Ronaldo Silva, um dos fundadores do Arraial do Pavulagem.⁵ Isso durou uns dois anos.

Quando foi no ano de 1992, resolvi aproveitar este local que serviu de fruteira, e fiz, a princípio, um barzinho. Depois que me desliguei do grupo eu usei esse espaço. Aqui já era minha casa, o terreno da família. Quando fiz o Coisas de Negro eu desmontei a barraquinha. A proposta era trabalhar música: violão e voz. Nós tocávamos muito vinil. Depois foi crescendo. A gente foi movimentando... E, os meus dois irmãos, o Luiz Fernando e o Paulo Piedade, estavam envolvidos nesse início. Eles me ajudavam, nessa época, pois eu ficava com eles aqui. Depois foi surgindo e foi sendo construído isso daqui. Antes era só uma barraca de madeira. E nós botávamos umas mesas lá fora para atender o pessoal. E a barraquinha servia para ter Prosdócimo [marca de *freezer*] e tocar. Era tão pequeno que as pessoas batiam a cabeça. Quando não batiam na entrada, batiam na saída. A gente ficou nisso durante seis meses. Aí foi movimentando, ampliou, aumentou a parte do terreno de trás, se tornou um

⁴ Denominações de tipos de pipas.

⁵ Grupo musical fundado em 1987 que se dedica à produção e valorização da cultura popular feita na Amazônia.

point dentro de Icoaraci. Coisas de Negro tem MPB, violãozinho e voz. Convidava os músicos lá do passado, do grupo de teatro que eu tinha contato, e resultava em todos vindo tocar aqui. Era o Félix, do Curimbó de Bolso, o Mauricio Panzera, o Antônio Geraldo, o Ronaldo Farias, o Erlon Chagazarti, e até o próprio Ronaldo Silva.

Já conheço o Ronaldo Silva há um tempo. Fui parceiro dele em algumas composições. Ele sempre passava por aqui. O Kzam Gama, Pedrinho Cavaleiro, Edilson Moreno, Márcio Farias, Márcio de Montoril, Messias Lira, Alcir Guimarães, Ziza Padilha, Deize Adário, Renato Torres e o moleque tihoso Ivan Cardoso, todos eles já passaram por aqui num momento em que o Coisas de Negro era um pouco menor. Outros tantos, como a Nazaré Pereira, que sempre vem da França e passa por aqui. Estes meus amigos da música chegaram, em um momento, e me falaram: “olha! A gente está ensaiando umas músicas e a gente vai mostrar aqui”.

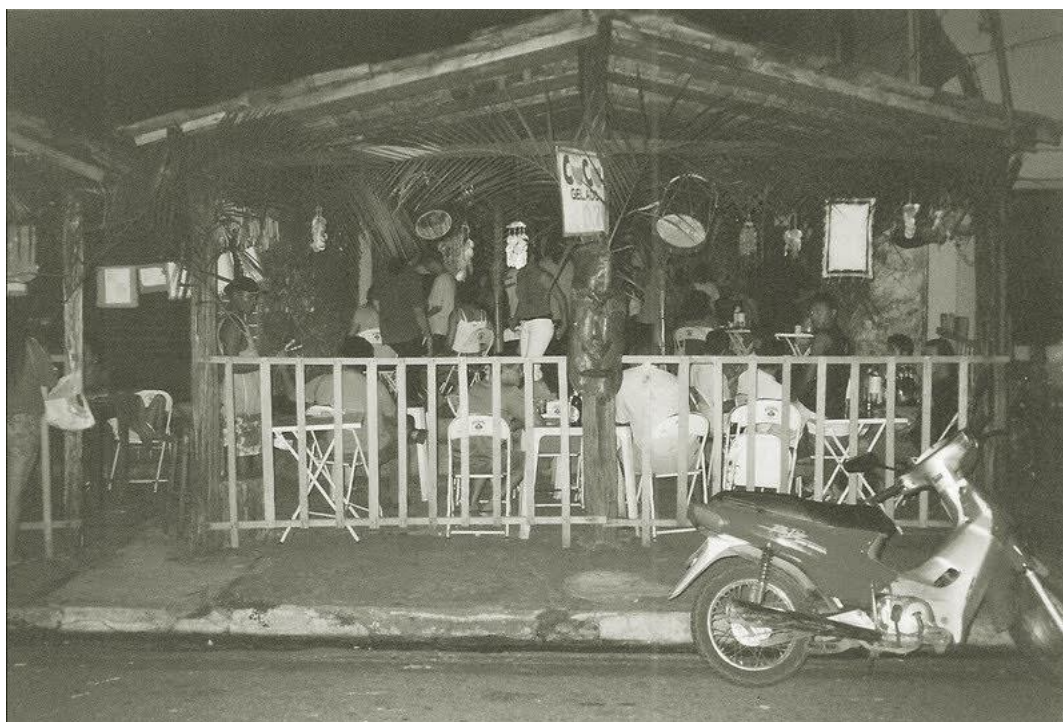


Foto 3 -Espaço Cultural Coisas de Negro
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

CAPÍTULO 2

O CARIMBÓ DE NEGÓ RAY

Quando foi no período de 1999 para 2000, no ano de 99, mais ou menos, me convidaram para tocar com o grupo Curuperê. Começou a rolar o carimbó no Coisas de Negro, e fomos tocar em uma festividade de Nossa Senhora da Conceição, lá em Outeiro⁶. Tocamos duas vezes, e, depois, eles me perguntaram se havia interesse em continuar tocando no grupo. Como era um trabalho de música autoral, eu topei. As composições eram voltadas para o carimbó. E aí já entra a minha a vida no carimbó. Por que não tocar? Então começamos a ensaiar e tocar. Vamos fazer uma roda? Vamos!

No dia 19 de janeiro no ano de 2000 nós começamos a fazer a roda no Coisas de Negro. O próprio grupo compunha os carimbós. O grupo começou com a formação de curimbós e banjo. Quem tocava o banjo era o Félix. As maracas quem tocava eram a Milene e a Ila Falcão. Eu tocava o curimbó médio. O Ronaldo Farias tocava o curimbó grave. E, as composições, tinha de Felix, de Ronaldo Farias e de outras pessoas. O Antônio Geraldo tocava flauta transversal.

Em 2001 chegamos a participar do 18º Festival de Música em Ourém⁷. Ficamos em segundo lugar com a música “Batuque no Terreiro”, composição de Erlon Chagazarti e José Félix. Nessa apresentação nós inserimos uma linguagem contemporânea: acrescentamos guitarra, contrabaixo elétrico, violão e banjo. Quem tocava a guitarra era o Renato Torres, o contrabaixo o Maurício Panzera, e o violão era o Paulo Sidney. Nós conseguimos premiações nas categorias “Aclamação Popular”, “Letra” e “Música”. Ficamos em segundo lugar por termos ganhado nestas três categorias. E quem ganhou o Festival, na época, foi Pedrinho Callado. Foi muito bacana! Essa seria a segunda fase do Coisas de Negro. A primeira fase era a barraquinha com MPB. Esta segunda, voltada praticamente para o carimbó, foi quando a coisa tomou uma proporção bem maior. Eu dizia para os rapazes que eles não sabiam com quem estavam mexendo.

O grupo Curuperê ficou tocando no Espaço Cultural Coisas de Negro durante três anos. Nessa época, quando nós começamos a fazer a roda e as pessoas tomaram conhecimento do

⁶Outeiro é um dos 8 Distritos Administrativos de Belém, cuja parte insular agrega 26 ilhas. A de Outeiro, que é a mais povoada, possui cerca de 80.000 habitantes. Distancia-se da Capital cerca de 25km, e é ligada ao Distrito de Icoaraci através de uma ponte construída nos anos 80 do século XX.

⁷Município localizado no nordeste do Estado, distante cerca de 180 km da Capital.

que estava acontecendo aqui em Icoaraci – em específico no Coisas de Negro –, nós tivemos a oportunidade de conviver com esses Mestres, novamente. Por exemplo, o Pedro Coutinho e o Seu João Ribeiro passaram por aqui, e até hoje continuam vindo aqui. O Seu Manuel Luiz Saraiva, também chamado de Seu Saraiva, que tocava banjo, já fez a passagem. Seu Pedro tocava banjo. Eles tocavam com os grupos deles. E eu os trouxe para cá como convidados, integrando-os na roda com os seus instrumentos. As pessoas que estavam dentro do espaço, que gostavam de tocar tambor e maracás, agregavam-se a esses mestres para tocar: Seu Pedro, que tocava com o Águia Negra; o Saraiva, que tocou com Verequete; Seu Coutinho, que também tocou com Verequete; até o próprio [Mestre] Curica, que já fez uma participação aqui no Coisas de Negro. O Seu Favacho, que também já fez a passagem, era um flautista muito bom, por sinal, lá de Vigia;⁸ o Seu Bené já fez a passagem, também. Nós tivemos a oportunidade de ter esses Mestres. O Seu Jacó é interessante, pois ele tira som de um pente. Parece um saxofone. Tem um cidadão que vem aqui. Ele é de Mocajuba e tira som da folha. Então, o Coisas de Negro surgiu para juntar essas pessoas. Hoje em dia se tornou uma referência dentro de Icoaraci e dentro do Estado do Pará.

No ano de 2003, época de surgimento do grupo Mundé, tivemos a oportunidade de mostrar nosso trabalho pela primeira vez. E foi justamente na “II Mostra Distrital de Cultura Mestre Cabeludo”, realizado pelo MOVACI [Movimento de Vanguarda da Cultura de Icoaraci], que isso aconteceu. Depois dessa apresentação surgiu outra oportunidade para o grupo, que foi o “Festival Cultura de Música”. Então resolvemos aproveitar o material de ensaio que tínhamos gravado em MD e inscrevemos duas músicas: “Jutuba” e “Tia Maria”. A música “Tia Maria” foi selecionada entre um total de 285 canções inscritas, canção esta composta especialmente para minha esposa Maria Ângela Coutinho Bahia. A música foi tocada na programação da Rádio Cultura em três momentos (pela manhã, ao meio-dia e à tarde), junto da música do Pedrinho Calado e do grupo chamado de “L do Caboclo”.

A estudante de comunicação da UFPA [Universidade Federal do Pará], Luciane Santana Bessa, ao sintonizar a Rádio Cultura por ocasião do Festival, acabou ouvindo a nossa música. E, certa vez, ao adentrar o Coisas de Negro com alguns amigos, estava tocando música mecânica. Tínhamos dado um tempo no ensaio. Quando voltamos a ensaiar, novamente ela ficou surpresa. “Será que eles vão tocar pra gente?”, relatou-nos depois. E, a

⁸ Município localizado no Nordeste paraense.

partir desse momento, a menina “pirou o cabeção” [ficou desnorтеada] com as atividades desenvolvidas neste local.

A sua monografia teve o Coisas de Negro como base. E, no ano de 2008, escreveu o projeto junto ao MINC [Ministério da Cultura] na categoria de “Espaço Cultural Informal”, no qual fomos contemplados. Isso nos possibilitou fazer a reforma que o espaço estava precisando. Em 2010 realizamos o “I Festival de Carimbó de Icoaraci”, graças a outro projeto, desta vez junto ao BASA [Banco da Amazônia]. Nesta oportunidade vários grupos de carimbó fizeram-se presentes: “Flor da Cidade” de Marapanim, “M’Barayo”, de Salvaterra [na Ilha do Marajó], “Filhos do Quilombo”, de Moju, “Tio Milico”, de Fortalezinha, “Raízes de Cafezal”, de Magalhães Barata, “Grupo Beira Mar”, de Colares, e “Grupo Unidos do Paraíso”, de Santa Bárbara. Da região metropolitana tivemos a participação do “Grupo Sancari”, “Grupo Pai D’égua”, “Curimbó de Bolso” e “Águia Negra”.

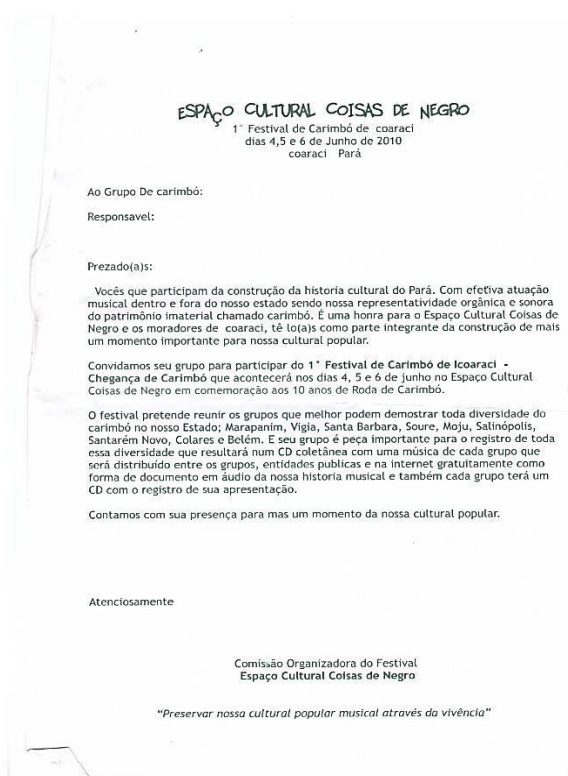


Foto 4 - Comunicado I festival de carimbó de Icoaraci
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray, 2010



Foto 5 -Cartaz do I festival de carimbó de Icoaraci
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray, 2010.

Outro projeto desenvolvido, desta vez em parceria através da extensão da UFPA, foi o *Carimbó.Net*, no qual várias oficinas foram desenvolvidas no espaço e no centro comunitário. A responsabilidade da elaboração dos projetos foi de Luciane Bessa.

Depois que o Curuperê rachou, surgiram dois grupos, o Carimbó de Bolso e Grupo Mundé. O grupo Pai D'égua assumiu a responsabilidade de fazer roda de carimbó, aos domingos, durante um bom tempo. Até que surgiu o carimbó de Icoaraci em razão da necessidade de ter um grupo fixo da casa, que permanece até hoje; espécie de coletivo musical.

O carimbó em si acontece todo domingo. Na sexta e sábado o Espaço é voltado para outras atividades musicais. Tem *reggae*, tem o pessoal que trabalha com música autoral, e a gente acaba abrindo o espaço para eles. O domingo serviu para juntar pessoas. Nós percebemos que, a partir do momento em que começamos a fazer essas rodas, passou a existir uma certa rivalidade entre os grupos. Uma vez chegou a ter um princípio de desentendimento aqui. Pessoas de outros grupos estavam num só espaço, mas conseguimos contornar a situação. Hoje em dia as pessoas estão mais abertas. Conversam entre si. E o Coisas de Negro serviu muito para unir as pessoas. Desses grupos ainda há alguns remanescentes, como o de Seu Pedro Coutinho; e o de Seu João Ribeiro do Ó, que é do Águia Negra, no qual ele é compositor, unido à sua esposa Mariza Nazaré do Ó, que também compõe. Eles sempre estão aqui com a gente. Temos uma relação muito próxima com os grupos. Sempre chamamos um grupo de determinado local: do Barreiro⁹, da Cidade Nova¹⁰... Onde tenha grupo a gente acaba chamando.

É interessante que tinha uma oficina que aconteceu aqui, que foi realizada pelo MOVACI. Dentro desse movimento eles fizeram uma oficina, e o Coisas de Negro serviu de base para esta oficina. Eu lembro que tenho fotos dos garotos, bem pequenos, participando desta oficina. Agora eles já estão adolescentes e tocando. Tem um grupo na Ilha de Caratateua chamado “Regional Jurupari”. E esses meninos que participaram da oficina, no Movimento de Vanguarda, já estão adultos e continuam tocando. A oficina serviu de base para eles estarem agora em atividades. Essa é a importância que tudo isso tem, além das atividades artísticas na sexta, no sábado e domingo.

⁹ Bairro da Capital paraense conhecido por uma feira ao ar-livre, bem como pela famosa Ponte do Galo.

¹⁰ Bairro de Ananindeua (Região Metropolitana de Belém), formado por vários conjuntos habitacionais: Cidade Nova IV, Cidade Nova V, entre outros.



Foto 6 -MOVACI

Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

Em uma oficina que ministro aqui, eu uso percussão corporal, batendo as mãos e depois batendo os pés, fazendo células rítmicas. Depois peço a eles para reproduzirem no instrumento. Assim se torna mais fácil para eles aprenderem. Rápido começam a executar. É uma levada complexa de minha autoria; é um reflexo das andanças; tem um pouco da célula do samba de cacete. Ou seja, meu método de ensino engloba elementos da cultura popular no processo de musicalização.

Temos todo esse trabalho de arte e educação através das oficinas. É uma das preocupações nossas, de capacitar as pessoas, cada vez mais, através da oralidade. Coloco pessoas para tocarem essa música porque, quando chega no período de junho, na quadra junina, são requisitados muitos banjoístas. E é uma dificuldade que a gente tem de conseguir pessoas para tocarem o banjo e a flauta. Então buscamos capacitar essas pessoas. Por isso que eu fui em busca desse conhecimento a mais, o aprimoramento da luteria, justamente para poder produzir estes instrumentos com qualidade, e, conseqüentemente, ter condições, lá na minha oficina, de duas ou três pessoas estarem comigo fazendo esse processo da confecção. O Luizinho, que está com a gente aqui, é a pessoa que faz esse processo do repasse do ensinamento de como tocar esses banjos. No mês de junho, às vezes, ficamos com dificuldade até de manter a roda, aqui, porque eles estão inseridos em programações, e poucas pessoas tocam o banjo.



Foto 7 -Oficina no Coisas de Negro
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

Estava acontecendo, neste espaço, uma oficina de manuseio de instrumentos. Agora há apenas ensaios do grupo Tamaruteua, que se formou a partir dessa oficina. Possui até repertório. Os ensaios acontecem no sábado.

Quem ministra a oficina de banjo é o Luizinho. E o de manuseio de curimbó sou eu e o mestre Lourival, que também confecciona instrumentos. Ele ensina a tocar as maracas e a gente faz um ensaio geral, no sábado, aqui, a partir das 10h. Essa oficina está acontecendo há dois anos. Já houve um momento que parou, e, depois, a gente retomou. Tem jovens que participam... E uma curiosidade é que tem mulheres que estão tocando; estão aprendendo a tocar o tambor. Isto é uma novidade. Eu tenho conhecimento de um grupo, lá de Marapanim,¹¹ chamado “Sereias do Mar”; um grupo formado só por mulheres. Tive a oportunidade de vê-las agora, no momento em que o carimbó se tornou Patrimônio Cultural, e

¹¹ Município paraense pertencente à Região do Salgado (Nordeste do Pará).

que teve toda aquela Manifestação no Centur¹². Elas estavam presentes. Foi muito bom ver...
É mais um incentivo para colocá-las para tocar.



Foto 8 - Cartaz da Oficina de Vivências Musicais no Espaço Cultural Coisas de Negro – 2015
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

¹² O Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (CENTUR) é um espaço inaugurado em junho de 1986, em Belém. Possui cinema e um teatro de médio porte, bem como bibliotecas, galeria de arte e um arquivo sonoro. O Centur ocupa o espaço de quase um quarteirão e inclui um prédio com vários pavimentos.

LUTHERIA

A lutheria foi uma necessidade. Tive que dar uma qualidade para os instrumentos. Quando começamos a fazer a roda de carimbó, peguei um banjo industrializado. Mas eu estava acostumado com aqueles timbres do banjo, que eram tocados no carimbó na época do Verequete. Então eu tive a necessidade de fazer esses instrumentos para tocar no Espaço. Criei um instrumento todo talhado: uma peça única para a gente usar na roda de carimbó.

Sempre tive essa curiosidade de obter os conhecimentos da lutheria, de como eram feitos os violões e outros instrumentos. Então obtive a informação de que seria ministrada uma oficina de lutheria na Fundação Curro Velho.¹³ Estudei lá durante dois anos. Essa oficina foi recente e terminei no ano de 2014. Aprendi o processo de fabricação do violão, cavaquinho, bandula, e também a construção de outros instrumentos de percussão, como os curimbós. É uma necessidade ter esses instrumentos aqui no Espaço. Geralmente estes instrumentos são feitos de tronco de árvore escavados. Normalmente usa-se pele de animal.

Antigamente, em virtude da caça, usava-se muito couro de veado. Hoje em dia, por causa da fiscalização do órgão IBAMA, que não permite mais, usa-se pele de outros animais, como o boi, a vaca etc. Então a gente trabalha com esses tambores, além das maracas, dos reco-recos e de outras coisas.

A lutheria era algo que eu perseguia há muito tempo aqui no Estado. Soube que, na Escola Salesiano do Carmo, estava acontecendo uma oficina de lutheria ministrada pelo Hugo Martinez. Quando fui lá, já não estava mais funcionando. Depois fiquei sabendo que, em Santarém, existia uma escola de luteria, da qual Hugo era responsável junto com Sebastião Tapajós. Como eu já tinha construído família, ficou difícil ir para lá. Aqui em Belém tive contato com Walter Figueiredo. Ele falou que abriria uma escola de lutheria, a princípio só de restauração de violões e cavaquinhos. Eles trouxeram um cidadão da comunidade de Belos Prazeres, do município de Cametá, nas proximidades de Belém, e descobriram que lá havia

¹³ “Primeiro matadouro da cidade, o Curro Público de Belém foi construído e inaugurado pelo presidente da Província, Francisco Carlos Brusque, em 1861. O Curro ainda resistiu sete anos, sendo desativado em 1912. Somente em 1983 teve o reconhecimento de seu valor, quando foi tombado. Cinco anos depois foi restaurado para abrigar o projeto da Fundação Curro Velho”. Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/oficinas-curro-velho>

uma manifestação de banguê,¹⁴ na qual era usado um instrumento denominado de bandula ou bandura, feito em peça inteiriça. Fiz a vivência com esse cidadão durante duas semanas. Em casa, pela curiosidade, eu fiz uma forma e produzi uma bandula. Isso no primeiro momento da iniciação com Paulo Nunes, e depois com o luthier mesmo. O responsável pela oficina era Paulo Mateus. Ele estudou luteria, na Fundação Carlos Gomes,¹⁵ com o Nicola Minev, marido da professora [de canto lírico] Malina Mineva. Ele era instrutor lá.



Foto 9 -Bandula
Fonte: Carina Lima

Nesse período da iniciação, como os módulos adquiriram grandes extensões, foram divididos por etapas. Fiz a iniciação. E, quando retornei, no início do ano seguinte, levei um instrumento que tinha feito para o Paulo Mateus. Ele viu o instrumento, analisou como eu tinha feito, viu que eu tinha uma certa facilidade em manuseio – em fazer aquele instrumento

¹⁴ “Essa é uma antiga dança de salão, de origens anteriores à chegada da eletricidade e do rádio. Se trata de uma música com instrumentação variada, instrumentos de cordas, violão com função de violão de 7 cordas, banjo, cavaco e várias percussões como pandeiros, cuícas e reco reco. No Bangüê permanece a riqueza das 4 vozes”. Fonte: <http://www.selomundomelhor.org/2009/08/31/cultura-na-vila-da-juaba-cameta-pa/>

¹⁵ “A Fundação Carlos Gomes (FCG), criada em 1986, é a entidade mantenedora do Instituto Estadual Carlos Gomes (IECG), também conhecido como Conservatório Carlos Gomes, fundado em 24/02/1895. Além disso, a Fundação tem por missão difundir a educação musical como instrumento de socialização e inclusão social e promover o ensino musical de qualidade para crianças, jovens e adultos no Estado do Pará, formando músicos para o mercado, potencializando talentos, e documentando a memória da música regional, desenvolvendo para isso atividades na área de Ensino, Extensão e Pesquisa”. Fonte: <http://www.fcg.pa.gov.br/>

–, e me passou para a turma de aprofundamento. Então fiquei trabalhando com ele durante dois anos. Nesse tempo fiz um cavaquinho; trabalhei na construção do violão de 7 cordas e da bandula. Este último fiz em casa, utilizando o processo da lutheria; adquiriu um acabamento melhor. Terminamos a oficina ano passado [2015], no Curro Velho. Continuo com Paulo Mateus, em uma lutheria que ele abriu para trabalhar com manutenção. No Curro Velho trabalhamos a parte de construção. Já a manutenção e regulagem estou trabalhando com ele em sua oficina, que fica atrás do Shopping Castanheira. Vou para lá dia de quarta e quinta, das 13h às 17h. Já tive oportunidade de ver regulagem de guitarra, contrabaixo, troca de traste, fazer o desempenho do instrumento... No Curro Velho quase não vi este processo. Então, ele está dando continuidade com os alunos que estavam no Curro Velho, na oficina ministrada por ele durante os dois anos. Interessante a preocupação dele em termos terminado o curso lá, e não termos visto todo o processo de manutenção. Então ele nos convidou e fez uma proposta de curso. Assumi toda a responsabilidade do aluguel do espaço físico. E, assim, cada instrumento que nós consertamos lá, recebemos um percentual. Ou seja, é uma forma de estarmos aprendendo e ao mesmo tempo sendo remunerados. A parte do verniz vimos muito pouco, no curso. E ele está dando continuidade nesta parte, também. Aqui em casa nunca tinha pintado com pistola. Fazia base do pincel; aquelas bonecas que, antigamente, faziam o processo de polimento e móveis. Tive curiosidade e comprei algumas ferramentas. Já fiz alguns instrumentos e pinte à pistola. Ficou muito legal.

Sobre a lutheria aqui no Espaço, o Luizinho é a pessoa que divulga o trabalho, pelo fato dele tocar banjo. Recentemente, ele foi participar do Festival de Música, em Jacarezinho, Paraná, com o Trio Chamote. Ele toca banjo, o Charles Mattos toca bateria e o Silvio Barbosa toca flauta. Eles foram para lá, e um cidadão chamado Max D’Carmo, que viu o instrumento na mão do Luizinho, achou muito interessante a sonoridade. E, através da *internet*, a gente se comunicou. Passei meu contato e ele encomendou o instrumento. Ele comprou o instrumento num valor bem considerável. No ano de 2014 eu vendi cerca de seis banjos, desses usados em carimbó; sete com esse do Max. A construção do instrumento geralmente tem duração de 30 a 45 dias. No caso desse, da lutheria, requer colagem de partes do instrumento. Então, tem todo o processo de secura da cola.



Foto 10 - Atelier de lutheria do Mestre
Fonte: Carina Lima



Foto 11 - Banjo
Fonte: Carina Lima

No interior do Estado, na região do Salgado, geralmente há um mestre na tradição do carimbó; uma pessoa que faz o banjo de forma artesanal. Geralmente eles utilizam um aro – por exemplo, o pandeiro –, que é muito utilizado. Acrescentam o braço, colocam umas peças de pivô. Atividade ainda existe no interior. Recentemente, um rapaz de Curuçá¹⁶ trouxe um banjo de um cidadão para eu trocar a pele, por que ele não estava gostando do timbre. Coloquei um que tinha uma, para ele, sonoridade melhor. No interior tem muito disso: o pessoal mantém a tradição do processo de escavado.

Um dos primeiros banjos que fiz foi assim: escavado. Pega-se uma peça de madeira. E, com o formão, escava-se toda a peça. E bota uma pele. No interior eles usavam muito pele de animal. Antigamente era de caça: camaleão, cobra e outros. Já vi banjo com pele de cobra. Assim eles se adéquam às suas necessidades. Hoje em dia algumas pessoas compram pele sintética e fazem os instrumentos. No meu caso uso essas peles recicladas de boi e vaca, e aplico o conhecimento de luteria. Então já está mais refinado. Como resultado se tem uma sonoridade melhor.

O Luizinho fez um trabalho de pesquisa junto ao IAP¹⁷, no qual ele transpôs o solo das rabecas para o banjo. Esse banjo serviu muito bem para ele fazer esse trabalho. Os três componentes do Trio Chamote têm trabalho de pesquisa. O Silvio tem trabalho de flauta. O Charles transpôs os ritmos amazônicos: no caso do carimbó para a bateria. O Charles tem uma maneira toda especial de tocar a bateria dele. Você escuta o Charles tocando e percebe que parece um curimbó tocando aquela levada. O Luizinho, por sua vez, faz a parte instrumental no banjo. É muito interessante o trabalho desses três. O Luizinho chegou até a trazer um banjo, quando esteve, no México, com o grupo BFAM, que é o grupo Ballet Folclórico da Amazônia. Chegando lá ele teve problema com o banjo que tinha levado. Por esse motivo tivera que comprar um banjo mexicano, mesmo não usando esse banjo nesse tipo de trabalho, porque não há uma sonoridade bem articulada. Fico muito contente por ter conseguido chegar a essa sonoridade específica da qual ele precisa. É um presente para mim. É muito importante ter essa referência. Ele conhecia, lá no Paraná, uma pessoa que viu, interessou-se pelo instrumento e veio aqui. Esta pessoa visitou Belém, e, conseqüentemente, levou um banjo para o Paraná. Está feliz da vida com o instrumento dele. Acho que outros viram, com certeza, a mesma alegria que eu vi.

¹⁶ Município localizado na região nordeste do Estado do Pará – Região do Salgado.

¹⁷ “O Instituto Artes do Pará - IAP, desenvolve o conhecimento através do aperfeiçoamento das artes no âmbito estadual, através da pesquisa, experimentação e integração das linguagens artísticas. Localizado na Praça Justo Chermont, 236 - Nazaré CEP: 66.035-170”. Fonte: <https://www.blogger.com/profile/16413786123548259973>

OFICINAS

Sobre a minha oficina de construção de instrumentos, no interior do Estado, a primeira oficina foi na comunidade Quilombola, em Salvaterra,¹⁸ no ano de 2002, através do Programa Raízes e em parceria da Fundação Curro Velho. Nessa oficina eu construí curimbós, maracás e reco-recos. O nome da comunidade era Bacabal, que fica cerca de 10 km de Salvaterra. Lá eles têm a prática de carimbó. A importância desta oficina se deu, pois faltavam ali os curimbós. Diante desta ação, construímos os instrumentos e revitalizamos o grupo já existente na localidade, o Unidos do Marajó. Ficou um grupo lá, e estabelecemos este grupo a partir desta oficina. Deixei um banjo lá: o primeiro banjo que construí. Quem tocava banjo – e acho que ainda está vivo – era o Seu Cipriano. Havia o Osmar, cidadão que era canhoto e tocava um cavaquinho que ele mesmo construiu, todo talhado. E as palhetas usadas eram feitas de chifre de boi.

Um detalhe: ele furava a palheta, amarrava num fio e deixava pendurada na barra da calça ou no braço do banjo. Ficou lá uma quantidade de instrumentos. Também ministrei oficina em Colares¹⁹, na comunidade de Cacau, com esse mesmo propósito. Através de relatos ficamos sabendo que, naquele local, existia um grupo que não tocava mais por falta de instrumentos. Seu Diquinho quem me passou esses relatos. Ele tocava trombone nas Orquestras de Fanfarra, lá em Vigia. Ele me passou estas informações. Então nós construímos os instrumentos. E lá não foi diferente.

Surgiu um grupo chamado de Unidos do Cacau. No Encontro da Campanha do Carimbó, quando se tornou Patrimônio Cultural, Seu Diquinho estava comigo. Eu fiquei muito contente ao ver pessoas que participaram da oficina, lá em Cacau. Já estavam envolvidas em um grupo. Naquela localidade uma menina assumiu a responsabilidade de ser vocalista do grupo. É gratificante ver essas ações tomando uma forma. Tive a oportunidade de ver, também, um rapazinho, que, na época da oficina, lá em Cacau, me levou no mangue para fazer coleta de caranguejo. No dia do Encontro da Campanha, chegou até mim e disse: *_Ray, lembra de mim? E eu disse: _ estou tentando lembrar de onde. E ele disse: _ lembra que te levei lá no mangue para catar caranguejo? E eu disse: _ lembro.*

¹⁸ O município de Salvaterra, no Estado do Pará, localiza-se na Ilha do Marajó e pertence à Microrregião do Arari.

¹⁹ Colares situa-se às margens da baía do Marajó, no Nordeste paraense.

Também ministrei oficinas em Oeiras do Pará²⁰ e na cidade de Baião²¹. Dos lugares por onde passei surgiram canções. Houve um momento, em Oeiras do Pará, que cheguei, à tarde, e as pessoas já estavam me esperando desde de manhã. Como eu demorei, eles foram embora. Eu cheguei às 17h pela margem do rio. Parei em um local chamado de Bailique Beira, e ia para Bailique Centro, mais para a terra firme. Chegando lá as pessoas que iriam me apanhar já tinham ido embora. Uma pessoa me informou que eles estiveram por lá. Mas, como eu não estava, haviam ido embora. _ *Como faço para chegar lá? _ Tu vais andar cerca de 5 km, mais ou menos.* Eu nunca tinha estado naquele lugar.

Tinha uma bicicleta que eu precisava, de vez em quando, encher o pneu. E, assim, eu fui por dentro da mata. Eu subi uma ribanceira e peguei uma trilha. Nisso que comecei a caminhar, senti uma espécie de calafrio. Como eu nunca tinha estado ali, em um verso no meu pensamento eu pedi permissão para entrar naquele lugar. E foi assim: *povo da mata, dá licença pra que possa adentrar. A natureza é muito farta. Só temos que preservar.* E fiquei repetindo..., para não esquecer. Cada passo que fui adentrando e sentido aquela coisa, veio a outra parte verso: *quem não acredita no encantamento, acho melhor se cuidar. Tem curupira na espreita e o saci pra mundiar.* Aí eu concluí a segunda parte da canção. E fui andando. Quando eu estou quase chegando à Trans-Cametá, me veio a última parte, que ficou assim: *quem já sofreu o encantamento sabe bem do que estou falando. Tem flechada de mãe d'agua e boto-preto malinando.* Assim eu fichei uma canção. Eu ouvia muita lenda quando era mais novo; relato de pessoas que tinham sido encantadas. Então associei isto nesta canção. Não é um carimbó; é uma canção com levada mais *pop*:

*Povo da mata dá licença pra que eu possa adentrar,
A natureza é muito farta,
Só temos que preservar,
Quem não acredita no encantamento,
Acho melhor se cuidar,
Tem curupira na espreita e o saci para mundiar,
Quem já sofreu o encantamento sabe bem do que estou falando,
Tem flechada de mãe d'agua e boto-preto malinando.*

²⁰ Oeiras do Pará localiza-se ao norte do Pará, na microrregião de Cametá.

²¹ Baião também se situa na microrregião de Cametá, no Norte do Estado do Pará.

Tem toda uma situação de como elas foram criadas. E essa canção eu utilizo no Grupo Mundé, que é um grupo que criei quando houve um racha no Curuperê. Surgiram dois grupos: o Curimbó de Bolso e o Mundé Cultural.

Através da ação do Governo do Estado na Fundação Curro Velho, tive essa oportunidade de ir para vários locais. Estive também em Portel²² com a finalidade de construir instrumentos e deixar formado um grupo voltado para o carimbó. Estive em Melgaço,²³ em Acará.²⁴ Nos locais onde foram ministradas oficinas de capoeira, confeccionei um atabaque. E, em outros para onde pude viajar com Mestre Bira, como Óbidos, na oficina dele fiz um atabaque, e, na minha oficina, confecções de caixas. No Oeste do Pará há uma manifestação chamada Marambiré. Então, onde tem uma manifestação nós vamos lá. Construimos os instrumentos. Estive em cidades, no Baixo Amazonas, situadas no Estado do Pará, como Oriximiná e Santarém. No Nordeste do Pará, em Moju, onde a feita foi interessante, também. Lá eu conheci pessoas que construíam instrumentos, como um cidadão, Seu Mestre Jorge, 87 anos, que faleceu ano passado. No término da oficina, eu ia tomar banho no braço do rio Caeté. Às vezes que estava por lá, via Seu Jorge passando de canoa para a comunidade onde ele morava, chamada de Castanhanduba. Ele passava, às vezes, cantarolando. No término da oficina trouxemos esse cidadão. Junto dele trouxe um banjo, que o mesmo tinha feito, todo de madeira pesada, piquiá. E, na caixa de ressonância, ele colocou uma lata de goiabada. Eu tenho fotos. Ele cantou umas canções muito bacanas. Fizeram um documentário sobre a vida dele, que está em DVD. O Mestre Jorge me relatou que era muito comum, na época dele, acontecerem os mutirões. Eram convidados grupos para se apresentarem. O grupo Pastorinha, e ele, tinham muitas canções, e uma que ele comentava, que era assim:

*Chuva vai, chuva vem,
Chuva miúda não molha ninguém,
Chuva vai, chuva vem,
Chuva miúda não molha ninguém,
Moça namora tanto nunca acha casamento,
O amor de hora em hora,
É chuva de vento.*

²² Localiza-se na Mesorregião do Marajó.

²³ Município paraense também localizado no Marajó.

²⁴ Situa-se no Nordeste do Estado do Pará.

A oficina aconteceu dentro da comunidade chamada de Laranjituba, de onde surgiu um grupo denominado “Filho do Quilombo”. Nas oficinas geralmente são ministradas construções de curimbós, banjos, maracás, milheiro, instrumentos de percussão em geral.

Antes de irmos às comunidades, primeiramente é feito um estudo preliminar através do órgão Fundação Curro Velho. Eles investigam, por meio de relatos nas comunidades, se existiram grupos de carimbó que acabaram [extintos] por falta de instrumentos. Então, devido a essa necessidade da comunidade, nós vamos com a finalidade de construir os instrumentos. Geralmente a gente retoma os grupos. Mas há casos em que não é possível, por diversas razões: por não ter uma liderança, uma pessoa que abrasasse aquela situação, tomasse a oficina para si e botasse para frente. É lamentável, a dificuldade, por eles viverem da agricultura, caça. Eles têm outras preocupações.

Estive no Nordeste do Pará, ano passado, especificamente em Mocajuba, onde se usa a bandula. Foi muito prazeroso, pois construímos os instrumentos. Eu ouvi relatos de que era muito forte a questão do banguê. Só que faltava o instrumento. Então, como estava muito na memória do povo, não foi difícil. Tinha pessoas que tocavam instrumentos de cordas, o que facilitou bastante, pois havia essa necessidade, de ter pessoas para tocar e dar continuidade ao instrumento. Então, diante desta oficina, ficou um grupo chamado de “Quilombaoe”. No último dia da oficina, eles tocaram. Foi muito bacana. Tenho fotos e vídeos.

Sobre os materiais utilizados nas oficinas, alguns de nós levamos daqui, e outros conseguimos na comunidade, por exemplo, os troncos dos curimbós. Existem pessoas que têm habilidade em fazer canoa; que usam uma ferramenta tipo um formão grande, que é usado para escavar. Isto facilita bastante. Quando não tem esta ferramenta, nós levamos. Mobilizamos as pessoas interessadas e direcionamos quem tem mais habilidade para o manuseio da ferramenta. Sensibilizamos as pessoas, no sentido da importância da oficina, naquela comunidade. As oficinas perduram por dez dias, tempo muito curto, o que requer a necessidade de dar continuidade. E, quando encontramos pessoas que têm facilidade de assimilar, procuramos passar o pouco que ela já aprendeu, para tocar com os demais. Devido ao tempo curto, praticamente só dá tempo para a confecção. Lógico que a gente fala e também toca. Hoje, com a tecnologia, é possível registrar, pois a maioria das pessoas possui celular para gravar som, filmar e continuar praticando.

É importante trabalhar, especificamente, a questão da prática musical, como aconteceu, por exemplo, em uma oficina de confecções de instrumentos que ministrei no Conjunto Satélite, em Belém do Pará. O objetivo era formar um grupo de pessoas. Eu ministrei a oficina

de confecção de instrumento. Depois, Luizinho passou o canto e o banjo, e o Rafael Barros trabalhou a percussão junto com o Frank. Formou-se, então, um grupo chamado de “Boi Orube”. Tenho orgulho de dizer que fui o primeiro oficinairo daqueles jovens. No começo foi meio difícil, pois encontrei jovens com outras tendências, meio rebeldes, voltados para outras questões musicais. Então os sensibilizamos. Conversamos com eles sobre os gostos musicais; que era normal cada um ter. Mas tinha a questão da oficina, que eu começaria a ministrar, e precisaria da colaboração deles. Foi muito gratificante porque, depois daquela oficina, muitos jovens foram estudar música. Alguns participam do projeto da Vale [Companhia Vale do Rio Doce]. Foi uma oficina de confecção de barricas.²⁵

A maioria das barricas que o Arraial do Pavulagem usa, acredito que 90% delas, fui eu que construí. Eu e o Rui Baldez, que já partiu. Tínhamos uma relação muito próxima com Ronaldo Silva. O Boi surgiu dentro do Teatro Waldemar Henrique.²⁶ Eles passeavam no entorno da Praça da República com o bozinho de miriti, correndo ali. O Rui Baldez me chamava de Pombo, apelido de infância. O Ronaldo Silva dizia que, um dia, eu faria barricas para o Arraial. O sonho era de colocar o Arraial na rua. O momento chegou, e o Ronaldo Silva disse a mim: “tu nunca construístes tanta barrica, em grande quantidade. Tu te garantes?” E eu respondi: “não gosto de dizer não. Quando a gente diz não, uma porta se fecha”. Eu aceitei o desafio e construí as barricas. Construí numa faixa de vinte. E, depois, fui aumentando a escala de produtos. As madeiras que utilizei para construí-las foram de freijó, que têm uma facilidade para adquirir flexibilidade. Na época eu usei muito couro de cobra. Mas, depois, Ronaldo Silva foi alertado dos problemas ambientais, e foi mudando, e utilizando couro de cabra.

Eu tenho uma história muito valiosa na região metropolitana de Icoaraci, na cidade de Belém, sobre a cultura popular. O Arraial do Pavulagem é minha maior referência. Ministrei uma oficina em Cachoeira do Arari. Lá eu construí muitas caixas, muitos xeques, feitos com fichas de tampa de cerveja. Nós chegamos lá, e identificamos que havia muitos resíduos, devido ao consumo de cerveja. Então coletamos fichas, amassamos e fizemos muitos xeques. Construímos também uma alfaia. Formou-se um grupo chamado de “Cordão do Galo”. Foi

²⁵ Tambor feito de pele de animal, utilizado no Boi-Bumbá. Fonte: http://www.marcoandre.art.br/marco/portugues/ritmos_02.html

²⁶ “O Teatro Experimental Waldemar Henrique foi criado em 17 de setembro de 1979 na cidade de Belém, no estado do Pará, para sediar as apresentações de grupos de teatro experimentais da região (...). O prédio do Teatro é tombado pelo patrimônio histórico”. Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/teatro-experimental-waldemar-henrique>

muito bacana, pois, hoje em dia, eles estão tocando. Lá tem a Escola de Música João Viana. É muito gratificante ter contribuído, estimulando os jovens.



Foto 12 -Manuel Severiano – Óbidos
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 13 -Oficina na comunidade Silêncio do Mata – Óbidos
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 14 - Oficina em Óbidos
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

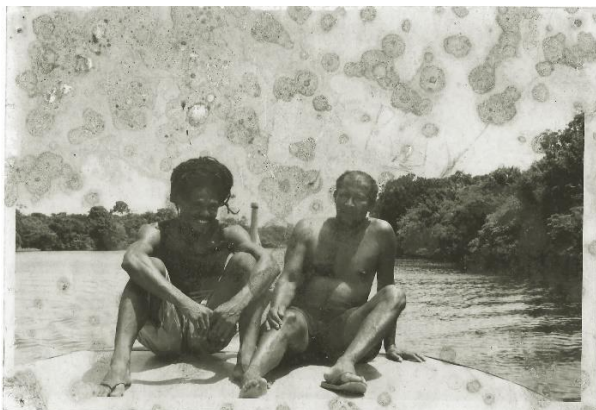


Foto 15 - Mestre Bira e Mestre Nego Ray
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 16 - Oficina em Boa Vista do Cuminam -
Oriximiná
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 17 -: Oficina em Boa vista do Cuminam –
Oriximiná
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

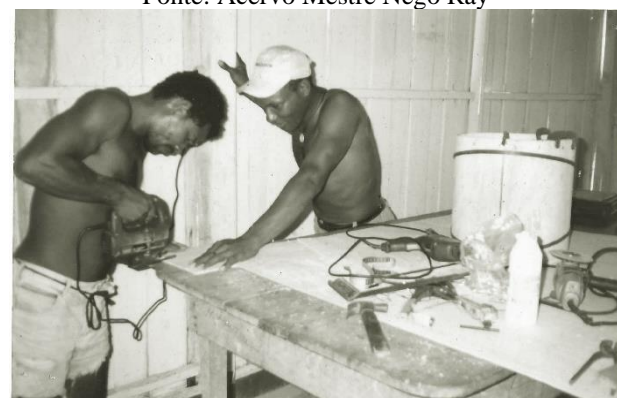


Foto 18 - Oficina em Boa vista do Cuminam –
Oriximiná
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 19 - Oficina em Boa vista do Cuminam –
Oriximiná
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

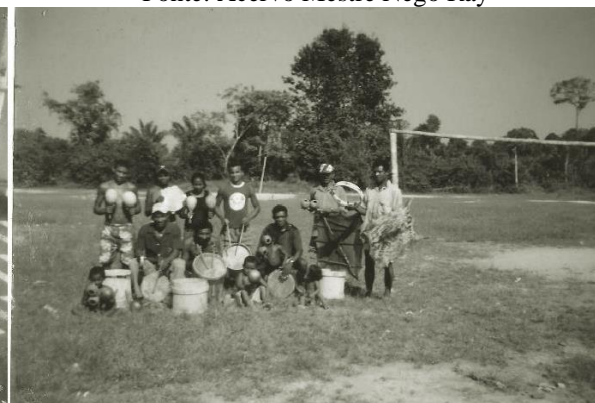


Foto 20 -Oficina em Boa vista do Cuminam –
Oriximiná
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 21 - José Ferreira Nascimento (Zé bola) - Moju
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 22 - Seu Jorge - Castanhanduba – Moju
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 23 - Oficina em Castanhanduba – Moju
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 24 - Arraial do Pavulagem
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 25 - Banjo do Seu Jorge – Castanhanduba –
Moju
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

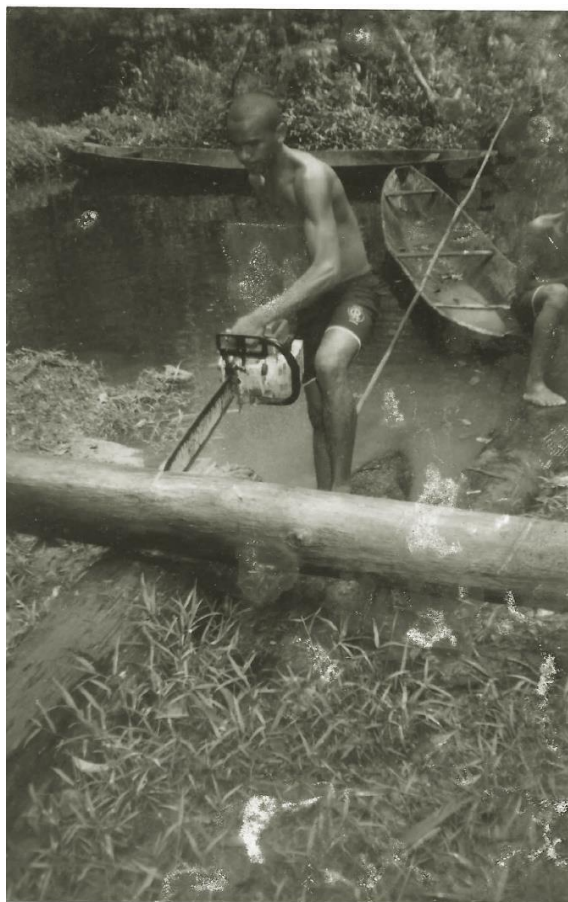


Foto 26 - Oficina em Laranjetuba – Moju
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 27 - Oficina em Laranjetuba - Moju
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 28 - Mestre Nego Ray – Oficina em Moju
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

GRUPO MUNDÉ

O grupo Mundé Qultural surgiu no dia 15 de junho de 2003. O primeiro lugar onde tocamos foi aqui no Coisas de Negro. Eu escolhi este nome Mundé, pois ele significa armadilha para capturar caça. Ou seja, eu criei uma relação de atrair pessoas com a nossa sonoridade. Ela é a nossa armadilha. Nesse grupo eu utilizo o curimbó, com o qual faço a batida, e acrescentei elementos como a guitarra, o baixo e uma percuteira. No Curimbó de Bolso nós tivemos algumas canções com as quais pretendíamos montar um CD. O Félix, que era tocador de banjo, ficou com essas canções, e o flautista Antônio Geraldo continua com ele. A Milene também... A maioria dos ex-integrantes do grupo Curuperê ficou do lado do Félix, no Curimbó de Bolso. E o Ronaldo Farias ficou com o nome Curuperê. Mas, atuando como nós atuávamos, ele não estava mais. Às vezes ele conseguia reunir algumas pessoas. Mas não eram aquelas mesmas canções que fazíamos. Hoje em dia o grupo Curuperê voltou à ativa.

Foi a partir do momento da quebra do grupo Curuperê que comecei a criar minhas composições. No ano de 2002, quando eu fiz uma oficina lá no município de Salvaterra, na comunidade de Bacabal, compus uma canção. Nós fomos para uma festa em uma comunidade de Deus Ajude, e tínhamos a recomendação de estar às 6h para pegar o barco, por causa da maré. Se a maré secasse nós ficaríamos ilhados. E foi isso que aconteceu. Chegando lá, o “Macarrão” já tinha ido embora. E a nossa única solução era ir por dentro do mangue. *Você vai, Seu Raimundo? Eu vou. Já que estamos aqui, vamos.* Então, começamos a ir por dentro do mangue. Naquele momento, ali, eu olhei para mim dentro do mangue. O pessoal estava conversando sobre tudo. E eu, no universo onde estou, ouvindo o canto do pássaro, sentindo, pisando, comecei a pensar no meio do mangue:

*No meio do mangue na beira do rio,
Ouvi o canto e um assovio,
No meio do mangue na beira do rio,
Ouvi um canto e um assovio.*

Em uma certa manhã, aqui em casa, quando eu acordei, fui tomar banho na beira do poço. Aqui tem um poço aberto. Eu joguei o balde. Nisso que eu puxo, o resto da canção que eu tinha feito no mangue me veio à cabeça. E ficou assim:

*Vem meu povo,
Vem com a gente dançar,
Vem dançar semambe,
Na beira do mar,
Vem meu povo,
Vem com a gente dançar,
Vem dançar semambe,
Na beira do mar,
Correnteza me leva pro fundo do rio,
Me mostra esse mundo em um desafio,
Correnteza me leva pro fundo do rio,
Me mostra esse mundo em um desafio,
De mistério e encanto que faz um remanso,
Esse belo canto tem um grande cantar.*

A forma que ela foi composta se estabelece em dois momentos: o primeiro, lá dentro do mangue, e outro aqui em casa. Ainda não toquei em nenhum lugar: só no momento de ensaios, aqui, e uma única vez tocando com o Mundé, na época em que a gente surgiu, numa amostra cultural aqui em Icoaraci. Não é carimbó; é outro ritmo.

Em outubro de 2005 fui procurado pelo Mestre Ginja, com o propósito de gravar uma música de sua autoria, denominada Camboinha, para participar do 2º Festival de Carimbó da Cidade de Marapanim, na categoria de “Carimbó Raiz”. Essa gravação foi em MD. Mandamos para a comissão organizadora do festival, a MM Produções e Eventos.

Para nossa surpresa a música foi selecionada. Então, fomos participar da gravação: eu, Nego Ray; Mundé, no curimbó; Mestre Ginja, no vocal e maracas; Luizinho Lins, no banjo; Silvio Barbosa, na flauta transversal. A nossa participação aconteceu na noite do dia 12 de novembro de 2005. Mas não conseguimos nos classificar. Porém, na noite do dia 13 de novembro, Eduardo Dias, o Curumú, que estava concorrendo com a música “Carimbó não tem Rei”, na qualidade de Carimbó Livre, convidou-me para tocar o curimbó médio. O curimbó grave foi tocado por Eduardo Senta Peia. Conseguimos o primeiro lugar no II Festival de Carimbó de Marapanim.

O legal de participar dos festivais é que ocorre a troca de informações durante o evento. No II Festival de Carimbó de Marapanim, tive a oportunidade de conhecer Isaque Loureiro, coordenador da Campanha do Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro, que estava

fazendo a divulgação do Festival da Irmandade de São Benedito na cidade de Santarém Novo. Nesta ocasião surgiu o Movimento Campanha Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa iniciativa tinha como objetivo sensibilizar e mobilizar a sociedade em torno da valorização e do reconhecimento do carimbó como Patrimônio Cultural Brasileiro.

Em dezembro de 2008 quatro integrantes – Jorge Furtado, Ney Lima, Welton Ferreira, Clever dos Santos – do Grupo Mundé se deslocaram até a cidade de Santarém Novo por ocasião do 7º FEST RIMBÓ, e participaram com a música “Curumins”, de minha autoria, na categoria de “Carimbó Livre”. Foram contemplados com o 1º lugar. No ano seguinte os mesmos integrantes foram, novamente, e conseguiram a primeira colocação com a música “Queimadas”, do Mestre Lourival, conhecido por eles como Senhor Miyagi. Na ocasião o nome “Sonora Icoaraci” serviu como nome para o grupo.

*Queimadas
(Lourival)*

*Foi bem-te-vi que viu
Foi bem-te-vi quem viu
A terra arder...
Foi bem-te-vi que viu
Foi bem-te-vi quem viu
A mata queimar.*

*Beija-flor me deu um beijo, antes de partir
Partiu contrariado de ver tantas queimadas
Nas florestas tropicais*

*As vidas se acabando,
As fontes tudo secando,
Sem ter água pra beber...*

*Mas um dia da terra gira para a o lado do bem
Faz nascer novas sementes,
Na cabeça dessa gente,
Que não pensa em ninguém
É aí que a coisa muda,
Toda muda terá vida, terá sol,
Faz girar o girassol*

Meu trabalho não é, especificamente, voltado apenas para o carimbó. É muito interessante, por isso, a forma como surgem as canções. Eu vou para o instrumento e começo a fazer o ritmo; vejo qual se encaixa melhor. Tem os carimbós e as variantes do samba de cacete. Isso tudo devido aos meus conhecimentos e à vivência nas comunidades. Absorvo o ritmo, mas não trabalho de acordo como está determinado. Eu componho do meu jeito, e acabam aparecendo elementos da manifestação do samba de cacete. Algumas células estão presentes dentro deste trabalho.

Tenho cerca de 29 canções. Mas nem todas elas são carimbós. Tem outras coisas, outros experimentos.

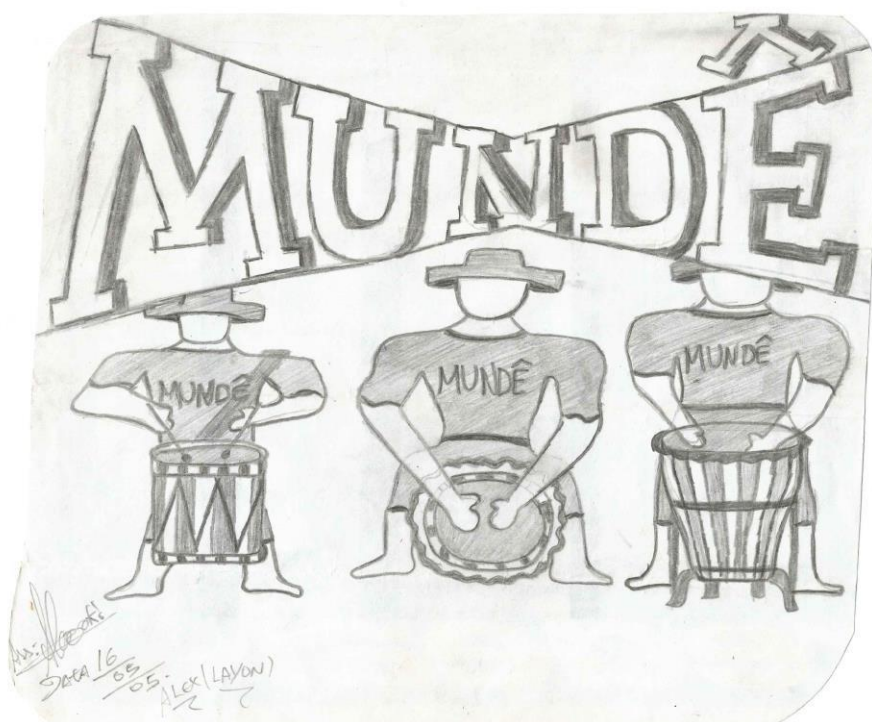


Foto 29 - Capa do CD do grupo Mundé
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

CAPÍTULO 3

COMPOSIÇÕES

CHAMA ARDENTE

*Não brinque com fogo
Para não se queimar.*

*A chama ardente
Vai te pegar.*

*Tiraras o sossego da alma
Da mente, e do teu coração.*

*Terás que ter
Bastante cuidado
Para não viver
Essa intensa paixão.*

NAQUELE LUGAR

*Vou pegar
Aquele barco
Na beira do cais.*

*Vou fazer
Aquele folia
Naquele lugar.*

*Lá a manifestação
Dita popular
Nunca vai parar.*

*As pessoas vão chegando
E cantarolando
Sem ninguém mandar.*

SEMAMBÊ

*No meio do mangue
Na beira do rio
Ouvi um canto e
Um assovio. (Bis)*

*Vem meu povo
Vem com a gente dançar
Vem dançar semambê
Na beira do mar. (Bis)*

*Correnteza me leva
Pro fundo do rio
Me mostra esse mundo
No desafio. (Bis)*

*De mistério e encanto
Que faz um remanso
Esse belo canto
De um grande encantar.*

POVO DA MATA

*Povo da mata dá licença
Pra que eu possa adentrar
A natureza é muito farta
Só tem que preservar.*

*Quem não acredita em encantamento
Acho melhor se cuidar
Tem curupira na espreita
E o saci pra mundiar.*

*Quem já sofreu encantamento
Sabe do que estou falando
Tem flechada de mãe d'água
E boto preto malinando.*

CURUMINS

*Na beira da praia
Crianças brincavam
Contra maré
Sentado eu estava
Fiquei meditando
Sobre a tal maré.*

*Refrão:
Que se vem
Que se foi
Que se vai
Eis que um barco chegou.*

*Trazendo o pescado
Pra matar a fome
De seus curumins
Esse pescado é gostoso
É lá do salgado
Que é Marapanim.*

*Refrão
Esse vento do Norte
Como és tão forte
Grande furor
Quebra ribanceira
Faz pororoca
Derruba surfista amator.*

Refrão

Música composta em dezembro de 2002 e cantada pela 1ª vez em fevereiro, no dia do aniversário do percussionista Nazaco Gomes; época do surgimento do Cordão do Peixe Boi, seguimento dentro do Arraial do Pavulagem; a pedido de Ronaldo Silva; na praia grande da Ilha de Caratateua, popularmente conhecida como Outeiro.

LUAR

(Nego Ray)

*Tava sentado
Na beira de uma praia
Olhando o luar,
Admirando essa força criadora
Infinita que talvez
Eu não sei a onde vai parar. (Bis)*

*Se os males espanto
Eu também sei porque canto
E este é meu cantar.*

*Olorum nos dê muita força
Pois energia precisamos
Pra poder brilhar.*

*Somos coisas de negro
Viemos pra ficar.*

*Tocamos Carimbó
Retumbão e Marujada...(3x)*

*A quem me dera pudesse estar a teu lado agora...
Acariciar o teu semblante macio,
Desfrutar de volúpia materna;*

*Eu hoje estou muito feliz,
Não abro mão da minha felicidade
Não importa o que os outros pensem
Eu me sinto feliz em qualquer cidade...*

TIA MARIA

*Por que não sou ateu
Nem tão pouco sou à toa
Nem por isso deixei de vir
Aqui nesta canoa.*

*Por que vou navegar
Por que vou navegar
Nas ondas do mar
Na baía do Guajará.*

*Onde tudo acontece
Seja noite, seja dia.
Nós vamos fazer esse som
Lá na casa da Tia Maria.*

*Pessoa importante
No cenário musical
Na culinária nem se fala
Em se tratando do mingau.*

*Todo ano morre gente
Em naufrágio de embarcação
As autoridades nada fazem
Só por causa do larjão.*

ANUNCIAÇÃO

*É no Balanço das ondas
E no remanso do mar
Que o pescador lança a rede
Para pescar.*

*Pescador vai pescar
A pescada amarela
Para fazer caldeirada
Naquela panela.*

*Os Quilombolas
Deixaram, em anunciação
Eram feitas de barro
Na escravidão!*

NA MAREZIA

*O sol raiou
Amanheceu o dia
O som é forte
Vem no meio da maresia.*

*Essa magia que é contagiante
Traz barco a vela
E seus navegantes.*

*Mandaram dizer
Que não posso ficar
A dança era tanta
Neste dançarar.*

*E no compasso dessa dança
Vão dançando sem parar
Dançando vão dançando
Até de madrugada.*

TAMBOR

1ª Fala: Sei que sou negro, negro da noite, negro do dia, negro do sol, negro da lua, e o preconceito me agride, simplesmente por ser negro!

2ª Fala: *_ A negrise cristal é cheia de poesia; fora racismo, despacha preconceito, purifica mundo com muito amor e sabedoria!*

1ª Fala: *_ O negro, com sua batida sincopada, a poesia e o canto caboclo, agita e encanta multidões, e mostra que o saber é apenas uma maneira de pensar!*

2ª Fala: *_ Ser negro é ser tudo; é ter consigo a energia do mundo; seu coração batuca de emoção toda vez que faz dançar a multidão!*

*Toca tambor,
Que eu quero ver
Negro dançar
Até ao amanhecer.*

*Dança negro
Negro de Aruanda
Mostra tua raça
Teu saber e tua demanda.*

CAPITÃO DO MATO

*Minha mãe África
Chora de dor.*

*O grito de horror
Ecoou na senzala.*

*De tanta crueldade
Daquele feitor.*

*O capitão do mato
É implacável na caçada
Como cão farejador.*

*Vai em busca dos escravos
Que fugiam da senzala
Do senhor.*

ALVORADA

*Glorioso Sebastião
Em chegada fazendo alvorada.*

*A comunidade em festa
Comunhando com a marujada.*

*O mastro todo enfeitado
Com as frutas da região.*

*Isso demonstra fartura
E alegria meu coração.*

PERFUME

*Inebriado pelo teu perfume
Em teu semblante
Sinto a brisa do mar.*

*Entre sussurros
Desejos e devaneios.*

*O horizonte a contemplar
Cheio de anseios
Do mundo misterioso
Que haverás de desfrutar.*

XOTE DO ARARI

*Negra bonita dos cabelos cacheados
Faz um dobrado no meu coração.*

*A quem me dera
Pudesse está agora.*

*Viajar contigo
Nesta embarcação.*

*Saindo de Belém
Passando em Icoaraci.*

*Vamos dançar esse xote
Em Cachoeiras do Arari.*

NA GARGANTA DO RIO AMAZONAS

*Na garganta do rio Amazonas
Eu vi muito peixe boiar
Estava chegando de longe
E no mocambo eu vou ficar. (bis)*

*Da mandioqueira vou fazer um atabaque
E muito som vai rolar
É pra capoeira de Angola
Que em certo rasta vai ensinar. (bis)*

*Essa gente muito boa
Que não sabe esperar
Está numa cuíca danada
Para o jogo começar. (bis)*

GLOSSÁRIO

- Garganta do rio (parte mais profunda do rio Amazonas)
- Mocambo (local onde aconteceu a oficina; espécie de casa de passagem da família rural, onde aconteciam as alternâncias)
- Mandioqueira (espécie de madeira usada na fabricação dos atabaques)
- Atabaque (instrumento usado na capoeira de Angola, assim como o berimbau, pandeiro, caxixi, reco-reco e agogô)
- Rasta (meu amigo Bira rastafári, instrutor de oficina de capoeira)
- Cuíra (ansiedade demasiada dos jovens participantes da oficina)

Fiz esta canção em 2004, quando estive em Óbidos, no oeste do Pará. Levado por forte emoção pude vivenciar tudo isso e muito mais coisas nas comunidades quilombolas de São José, Cuecé, Silêncio da Mata e Castanhanduba, onde a abundância de peixe é uma coisa impressionante.

LARANJETUBA

*Laranjetuba
África Mojú.*

*Reco-reco irá tocar
Tambor santo
Irá louvar.*

*A bandeira do divino
Ao vento a balançar.*

*A esmolação será feita
A tradição vai se manter
A folia do divino
Irá acontecer.*

MARIA JOANA

*Eu vou tocar meu tambor
Lá pras brandas da Vigia
No balanço desse barco
Vou rompendo a maresia.*

*Vem gente chegando
De todo lugar
De Santa Izabel
E também do Tauá.*

*Vamos descer a preamar
Lá pra casa do Tio João
O tambor tá retumbando
Hoje é dia de louvação.*

*Maria Joana mandou
Me chamar retumba
O tambor, que ela que dançar.*

*A fogueira acesa nos faz
Refletir, faça um pedido
Que tu vais conseguir.*

CUMINÃ

*Em boa vista eu cheguei
No cuminã vou ficar
No jauari tem capoeira
Tudo isso é Oriximiná.*

*Tem a castanha do Pará
Tucunaré vou visgar
A moqueca irei fazer
Pra depois saborear.*

*Êta campo santo
Se plantando tudo dá
A mandioca irei colher
E a crueira eu vou tirar.*

*Uns bolinhos irão fazer
O mingau saborear
Remanescente quilombola
No Oeste do meu Pará.*

Fiz está música em 2004, viajando, de barco, de Oriximiná, com destino à comunidade de Boa Vista do Cuminã. Sonhei com esta música.

EM BUSCA DE TRABALHO

*Mamãe! Vou sair de casa
Eu vou viajar
O caminho é muito longo
Até chegar em Cametá.*

*Esperança tenho muita
Isso não vai me faltar.*

*Vou em busca de trabalho
Eu só quero trabalhar.*

*Mas um dia eu volto
Pra lhe consolar!*

*A despedida é muito triste
Me dá vontade de chorar
Os meus irmãos estão pequenos
Eles vão ter que estudar
Aqui não há perspectiva
Que me faça ficar.*

*Mas um dia eu volto
Pra lhe consolar!*

Fiz esta canção em 2003, viajando de ônibus, de Oeiras do Pará, com destino a Cametá.

JUTUBA

*Na enchente da maré
Graças, socós e maçaricos
Navio mercante passando em frente
Levando a Amazônia da gente. (bis)*

*Vai o Mogno que é nobre
Cedro, Marupá e a Sucupira
Essa nossa realidade
De tudo que aqui se tira.*

*Vou “tariando” minha canoa
Com destino a Cotijuba
Já fiz Roda de Carimbó
Lá ilha de Jutuba.*

*Vamos cantar
Vamos dançar
Essa onda no Pará
Tocamos Carimbó, tocamos maracá
No compasso da dança
Vamos o corpo expressar. (bis)*

*Esse swing maneiro veio pra ficar
Esse é o Grupo Mundé que acabou de chegar.*

RIO GUAMÁ

*Não vá se apaixonar
Nós vamos tocar tambor
Na beira do Rio Guamá.*

*O batuque lá casa do Zé
Sempre tem muita comida
E também muita mulher.*

*A gengibirra corre solto
Faz muita gente se embriagar
A mulherada fica toda assanhada
E tira os homens pra dançar.*

*Remanescente de Kilombo de narcisa
Eu já andei por lá
Nossa senhora do livramento
É a padroeira do lugar.*

NEGRA BONITA

*Tem arruda e guiné pra benzer
Capim santo e marapuama
Pra tomar. (bis)*

*Pau mulato, rosa, mulatinho
Alecrim-de-angola, pataqueira
Serve pra fazer banho cheiroso.*

*Ó negra bonita vem buscar
Pra se banhar. (bis)*

*Descarregar o corpo carregado
Neste descarrego, mal olhado
Faz da tua dança o teu bailado
Neste compasso bem moreado.*

*Vem dançar
Vem dançar. (bis)*

*Eu quero ver
Quem vai benzer?
Eu quero ver
Que vem vai tomar?*

LUCY AÇUCENA

*Meu pé de açucena deu flor
Isso é um grande sinal
A Lucy acabou de nascer
Floresceu no meu quintal*

*Eita sopro de vida
Muito especial
Que veio do Sílvio e a Marisa
Pra brincar no meu quintal.*

No dia 7 de janeiro de 2013 – data de nascimento da filha do Sílvio Barbosa –, ao adentrar um pequeno jardim que mantenho no Coisas de Negro, senti um cheiro muito forte de flor. Então, percebi que o pé de açucena floriu pela primeira vez. Inebriado que fiquei, pelo perfume, compus esta canção.

MANOEL SEVERIANO

*Manoel Severiano
Comando o marambiré
No silencio do matá
E também no cuecé*

*Manoel Severiano
Negro desconfiado
Não passa informação
Se não tiver algum trocado*

*São José, cuecé, pacoval e castanhanduba.
Também tem remanescente em curuaúna.*

Ao visitarmos Seu Manoel na comunidade quilombola do Silêncio da Mata, percebemos que ele não gostava de passar informações a respeito das manifestações existentes no lugar. A não ser que alguém lhe desse algum trocado. Tudo isso em decorrência de pessoas que passaram na região, coletando informações, e não retornaram como haviam prometido. Esta música foi composta em Óbidos.

4 ELEMENTOS

*A gente não precisa ser bom
O tempo todo*

*Mesmo que isso possa
Parecer muito importante*

*A água que mitiga a sede
Te afoga e mata*

*O fogo que te aquece
Também te queima e mata*

*O ar que tu respiras
Te destrói e mata*

*A terra que tu habita
Será tua eterna namorada*

*Esses são os 4 elementos da natureza
E aí contém muita verdade com certeza.*

NA FLORESTA

*Caminhando pelas florestas
Vejo a Lua a despontar
O dia está indo embora
E a noite que vai chegar*

*Ouçó os pássaros cantando
Querendo-me assombrar
Com seus cânticos
Muito melódico
Mas que também
Fazem arrepiar*

ENCANTARIAS

*Vem do reino das águas
Esse suingue gostoso
Vem do reino das encantarias*

*Esse tal chamegoso
Pra Santa Luzia*

*Aluzia meus olhos
Com sabedoria
Sempre trazendo paz
E muita harmonia*

DIVINA PRESENÇA

*A natureza é tamanha
Isso ninguém pode negar*

*Seja no céu e na terra
No fogo. Na água e no ar.
A presença é divina
Só não vê
Quem não quer enxergar*

CASA DE BAMBA

*Eu hoje
Vou à casa de bamba
Levarei meu samba
Para que eu possa cantar
Retumbarei meu tambor
Junto com afoxé
Agogô e o ganzá*

*Tem sete cordas na área
Na harmonia e no bordão
Se apresente na levada
Mestre na situação*

*E aqui vou cantando
Este samba maneiro
Somos paraenses
Conectados com o mundo inteiro.*

ANEXOS



Foto 31 - Espaço Cultural Coisas de Negro
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 32 - Espaço Cultural Coisas de Negro
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 33 - Mestre Negro Ray trabalhando em sua oficina
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 34 - Mestre Negro Ray em Espaço Cultural Coisas de Negro
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 35 - Lourival Igarapé - Oficina no Coisas de Negro
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 36 - Desenho de Karlos Kialhada
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 37 - Mestre Negro Ray
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 38 - Mestre Negro Ray construindo Barrica
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 39 - Matéria do Jornal O Liberal 31-07-2001
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 40 - Matéria do Jornal O Liberal 04-04-2003
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

Construindo cidadania com os/as jovens

O Governo Federal, através do Ministério do Trabalho e Emprego desenvolve em todo o Brasil o Programa Primeiro Emprego, e uma das ações é o Consórcio Social da Juventude, constituído por entidades não governamentais que atuam com a Juventude. O Programa é monitorado pela Delegacia Regional do Trabalho, como representante do Ministério do Trabalho e tem como foco principal a qualificação social e profissional de jovens socialmente vulneráveis, na faixa etária de 16 a 24 anos, com renda familiar de até meio salário mínimo, portadores de necessidades especiais, afrodescendentes, indígenas, ribeirinhos, assentados da reforma agrária, vítimas de trabalho infante-juvenil, homossexuais e jovens em conflito com a lei e em cumprimento de medidas sócio-educativas.

O Consórcio Social da Juventude de Belém decidiu pela formação profissional nos setores do turismo e artesanato, considerando principalmente as peculiaridades da região Amazônica e pela amplitude de oportunidades de trabalho nessas áreas.

Decidimos por denominar o Consórcio Belém de Wapokai, que na linguagem dos índios Assurini quer dizer "Grito de Liberdade", é a materialização da conquista dos direitos da sociedade que busca proporcionar aos jovens o exercício da cidadania, visando um futuro de boas realizações.

Na primeira edição deste Informativo apresentamos um resumo das atividades desenvolvidas nestes primeiros meses do Wapokai.

Boa leitura.

David Vieira
Coordenador Geral
do Consórcio Belém

DEPOIMENTO

“O Consórcio da Juventude mudou a minha vida”

“O Wapokai me fez entender que o mundo não era como eu pensava. Este é o melhor momento da minha vida, este projeto mudou muitas coisas para mim. Tudo começou quando um dia eu fui em busca de um sonho, pensava até fazer uma besteira. Mas, Deus cruzou no meu caminho. E foi através do pólo de liberdade assistida que consegui chegar no Wapokai e foi aí que vi que o mundo não era como eu pensava, que existe pessoas que querem ajudar outras pessoas, principalmente que precisam ajudar os jovens, aqueles que já não têm mais esperança de nada.

Hoje posso fazer amizade, o que antes não conseguia devido o mundo que eu pertencia. Os meus pensamentos mudaram. Hoje olho para o meu filho e penso que um dia vou poder falar olhando direto no olho dele e dizer tudo sobre o Wapokai, vou falar da minha vida para ele a partir daí, não do que aconteceu antes do projeto”.

Esta é a grande oportunidade que muitos jovens precisam.

A carta acima é do aluno Fabrício de Abreu, 16 anos, entregue à instrutora de Educação para a Cidadania, Santana Pontes, elaborada numa das aulas do Consórcio de Belém.

FOTO: RUBENS MARTINS



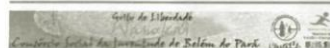
Dando o recado - Jovens do curso de Instrumentos Musicais, da turma 31, do mestre Raimundo, foram a grande atração do seminário Amazônia: Desenvolvimento, Formas e Relações de Trabalho, no CENTUR em maio passado.

Aprendendo técnicas em corte de carne

Jovens do curso de Manipulação de Alimentos estão tendo oportunidade de aprender técnicas de corte e dessossa de carne. Os alunos vão conhecer ainda os animais antes do corte, nas visitas que farão aos matadouros. Essa atividade está sendo possível graças a parceria com a empresa Light Meat Produtos Alimentícios LTDA, tradicional na comercialização de carne bovina e bubalina.

Ateliê de Leitura

O grupo de Elevação da Escolaridade do Centro da Juventude está mobilizando todos os jovens para que se integrem na criação dos ateliês de leituras que têm como finalidade socializar as produções textuais dos alunos, estimular a leitura e ampliar conhecimentos. Os ateliês de leituras serão também espaços de produção e representação artísticas. Os interessados podem procurar a Coordenação Pedagógica do Consórcio. Mais informações pelos telefones: 32480366 / 3241-8716.



Wapokai – É uma publicação do Consórcio Social da Juventude de Belém - Rodovia Augusto Montenegro, km 7 - Parque Verde - Belém - Fone: 91-3248 0366 - Fax: 91-3084 1819 - www.wapokai.org.br - Coordenação: Movimento República de Emaús - Fotos: Davide Pompermaier - Jornalista Responsável: Dorinha Raiol / DRT 806 - Editoração eletrônica e Impressão: Gutemberg Gráfica e Editorta Ltda. - Fone: 91-3224-5301 / 3241-6219 - Belém-Pará - Tiragem: 3000

Portal Cultura ... Página 1 de 2


Principal | Funtelpa | Cultura Canal 2 | Cultura FM 93,7 MHz | Cultura Online | Cultura Paraense | Marketing

www.portalcultura.com.br


Santarém, Pará

- A Funtelpa
- Cultura Canal 2
- Cultura FM 93,7 MHz
- Cultura Online
- Cultura Paraense
- Marketing
- Notícias
- Colunas
- Cultura In Foco
- Agenda de Eventos
- Sites Afins
- Fale Conosco


TV Cultura Canal 2



'Onde Está o Fusca?'
mais uma novidade na telinha da sua TV



Programa Na Onda pra TV agitou a ilha de Algodual




Rock marc Verã

Destaques

III Festival Cultura de Verão


Rock, Reggae e Curimbó marcam o III Festival Cultura de Verão em Algodual



São 25 profissionais, somente da televisão, envolvidos na transmissão do evento para que o telespectador possa acompanhar toda a transmissão pela telinha da Cultura. Dentro da programação da emissora Dani Filgueiras e Ana Paula Bezerra entram com flash ao vivo com toda a movimentação que agita o Festival na ilha.

Após o grande sucesso do II Festival Cultura de Verão TV e Rádio Cultura repetem a dose apresentando paraense no terceiro ano do festival. Só que des Funtelpa foram mais além, é que os shows foram tr ilha. Momento único para todos os ouvintes e telesp

Ontem quatro atrações subiram no palco do Festiva Orfeu, Gaia na Gandaia, Madame Saatã e Sevilã repetida com muito rock, reggae e curimbó. A noil Cristal Reggae, Stereoscope, Chico Corrêa movimentam o Palco Central.




Mundé – Produzindo uma sonoridade de ritmos e uma poesia cabocla com personagens tão peculiares da Amazônia, o Grupo Mundé busca faz independente e autoral.

No palco do Festival eles experimentaram va retumbão, lundú, guitarradas, semambê, aguerê e de criar instrumentos percussivos regionais e amazônica tais como: curimbó, caxixis, bloques e m

Cristal Reggae – Um repertório recheado de composições próprias. "Mandamos também Gregory Issacs, The Gladiators, Bob Marley, Tribo de JAH", disse Issamu, vocalista da banda. Uma combinação que agrada em cheio o público exigente da ilha de Algodual. Um público que por sinal conhece muito bem o som que essa rapaziada produz.

Nascida em Belém, a banda passou por muitas formações. Foi uma das bandas a tocar no ano passado do Festival Cultura de Verão em Algodual. Esse ano, eles repetiram a dose e mostraram que a positiva mensagem do reggae é muito bem ouvida sob a lua de Algodual. O Cristal Reggae é composta por Issamu no vocal, Pisi no teclado, Deniu vocal e guitarra, baixo e vocal Prata, Jessé na bateria e vocal.



Stereoscope – O estilo é mais do que peculiar, banda diz logo a que vem apenas pelo visual. Encarquetípico rock' n roll a Banda Stereoscope foi Festival de Verão em Algodual.

Numa entrevista ao Portal Cultura no início deste e que o objetivo da banda era tocar muito em 2005.

http://www.culturapa.com.br/main_tv.asp?id=417

26/7/2005

Foto 42 - Matéria do Site Portal Cultura 26-07-2005
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 43 - Jornal Diário do Pará 01-10-2005
 Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 44 - Jornal Diário do Pará 01-10-2005
 Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 45 - Jornal O Liberal 29-10-2006
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray

Espaço Cultural Coisas de Negro é referência do movimento negro

O Coisas de Negro existe há 15 anos no Distrito de Icoaraci. Com traços de preservação da cultura afro-indígena, passou a ser mais dinamizado há seis anos, quando o seu idealizador, Raimundo Piedade da Silva - o Negro Ray -, começou a convidar grupos para se apresentarem aos domingos em rodas de carimbo. Não demorou muito para que surgisse o próprio grupo de carimbo do espaço, o Mundé Cultural.

Segundo Ray, o grupo faz um "som experimental", misturando a pegada do tambor, curimbo e bandomim com guitarra, bateria e baixo. O som resultante dessa fusão chamou a atenção dos jovens, que são o maior público do Mundé.

Os integrantes da banda que tocam os instrumentos "troqueiros" são todos jovens. Enquanto isso, Negro Ray toca o curimbo. A familiaridade com o som das guitarras aliada ao ritmo regional, paradoxalmente exótico na sua própria terra, funcionou como um atrativo para que esses jovens viessem a conhecer o carimbo tradicional.

Algumas pessoas acreditam que o espaço deve manter as raízes sem interferências modernas, para manter a tradição. Outras acreditam que inovações são bem-vindas. Para a professora Maria Ataíde, o espaço é importante para a manutenção da cultura. "É um lugar de troca, discussão e convivência. Não de forma estruturada, mas trocas simbólicas que têm valor para eles".

As rodas de carimbo continuam todos os domingos e, além delas, no espaço cultural, todos os sábados, adolescentes de Icoaraci também participam de oficinas de confecção de instrumentos e aprendem a tocá-los.

LUTAS

Um trabalho, que se iniciou como momentos de lazer, ganhou força e hoje promove atividades sociais. Negro Ray passou a fazer parcerias com moradores de Icoaraci e iniciou viagens por comunidades pobres do interior para aprender mais sobre as raízes afro-indígenas, como novos sons e suas lutas contra as mazelas sociais, bem como para ensinar adolescentes carentes a produzir instrumentos musicais com materiais fornecidos pela matroza. Além disso, os adolescentes passaram a tocar os instrumentos e tornaram-se protagonistas da peculiar cultura popular local.

Para Negro Ray, mais que um espaço cultural, o Coisas de Negro é um movimento de resistência. "Aqui as manifestações de crítica social têm vez", afirma.

TODOS OS SÁBADOS SOLAR ANTIQUE

Saturday Double fest
Venha celebrar a vida, a música...

MAKING OFF
Será o Benedito
DJ BULLDOG

JEITO INOCENTE
FB MANIA
DJ BULLDOG

INF: 3229 0252

TODOS OS DOMINGOS

ENSAIO DO NANA BAIANA

GAIA NA GANDAIA
SERÁ O BENEDITO
Bp2
DJ BULLDOG

OPEN BAR PARA AS MULHERES DE
22:00h as 00:00h

Inf: 3250 5273

SEXTA 03

DIA 14 - QUARTA VÉSPERA DO FERIADO

MT

Oito opções para não passar o reveillon em branco.

- Reveillon em Nova York - 07 mil reais
- Reveillon em Buenos Aires - 05 mil reais
- Reveillon em Miami - 07 mil reais
- Reveillon em Orlando - 09 mil reais
- Reveillon em Punta del Este - 05 mil reais

A partir de Entrada + 9 mil reais de US\$ 39,50 + TE

A partir de Entrada + 7 mil reais de US\$ 33,30 + TE

A partir de Entrada + 9 mil reais de US\$ 39,50 + TE

A partir de Entrada + 7 mil reais de US\$ 33,30 + TE

Foto 46 - Jornal O Liberal 29-10-2006
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray

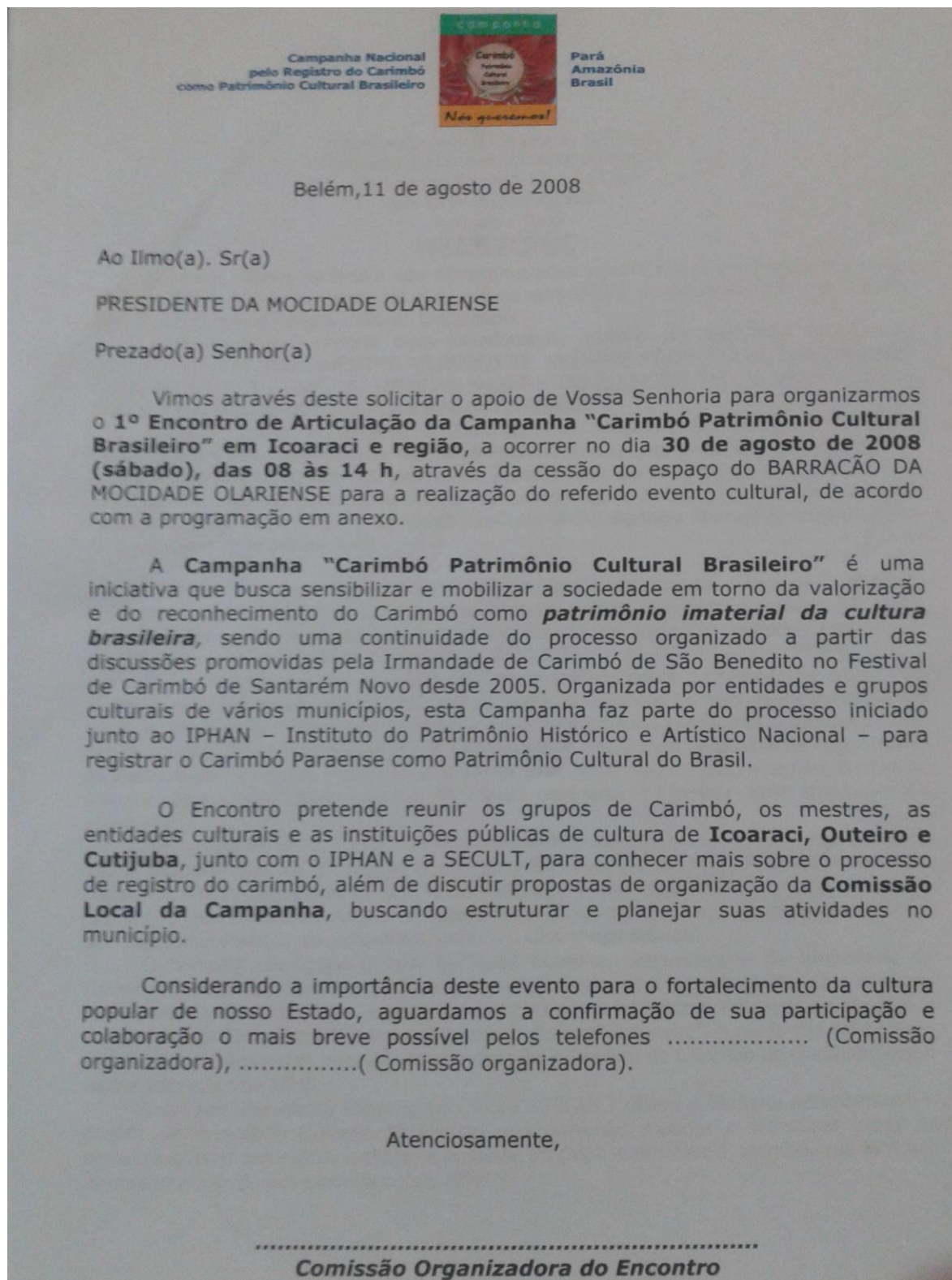


Foto 47 - Ofício I Encontro de Articulação da Campanha "Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro"
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

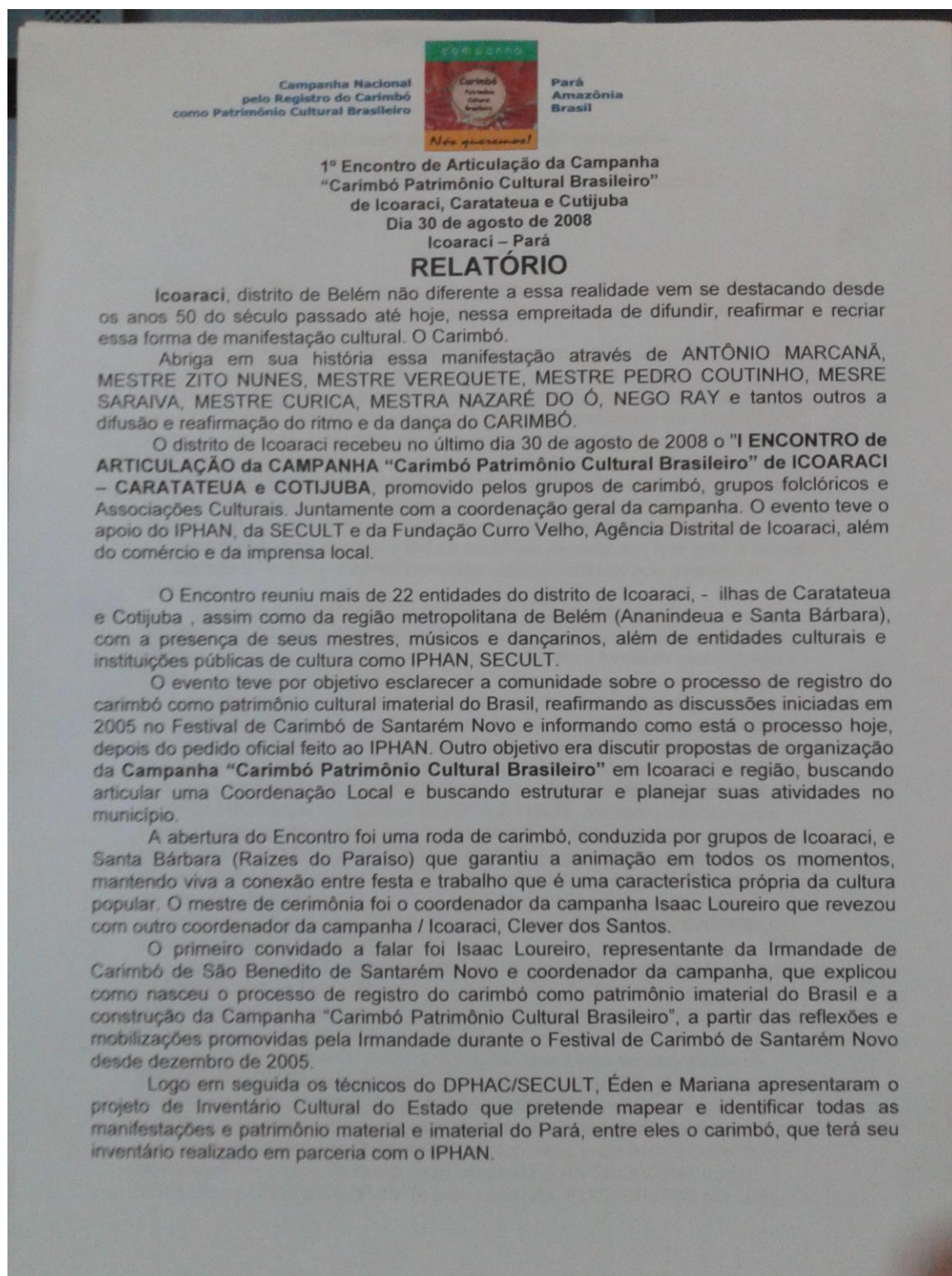


Foto 48 - Relatório I Encontro de Articulação da Campanha "Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro"
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

Diário do Pará
Segunda-feira, Belém-PA, 07/06/2010

2 VOCÊ

CAPA

Icoaraci fortalece a cena

Músicos de várias gerações se unem para revitalizar o carimbó; gênero representa a cultura, mas rádios ignoram

Vamos juntar o carimbó e as ferramentas que a internet disponibiliza para disseminar informação", explica Luizinho Lins, coordenador do projeto em parceria com a produtora Juliane Bessa, através do edital da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (Fapespa).

As oficinas do Carimbó.net são realizadas no Espaço Coisa de Negro, no distrito de Icoaraci. O galpão de dois andares, de propriedade de Negro Ray, 52 anos, é um dos poucos redutos dedicados ao gênero na Grande

que qualquer lei de incentivo. Acabou essa história de que carimbó é coisa de velho. Aqui em Icoaraci, estamos vendo uma renovação", diz Ray.

O músico Ney Lima, 52, é parte dessa nova geração vinda de Icoaraci. Multi-instrumentista autodidata, Ney se formou músico nas rodas de carimbó promovidas pelo Coisa de Negro. Agora ele retorna ao local para participar das oficinas de gravação e mixagem.

"Espero me tornar um músico mais completo. Sou professor de percussão, mas ainda não domino o computador. Com essa ferramenta, vamos conquistar

torno de uma causa. Toda a parte técnica que as oficinas proporcionam é apenas um desdobramento desse processo. Eles tem as rédeas do que estão fazendo, mas a independência de poder gravar, produzir e distribuir a própria música fortalece a cultura popular que eles vêm fazendo há anos"

de Icoaraci, uma tentativa de dar exposição à produção atual e fomentar ainda mais o circuito. Os organizadores do evento, que reuniram no último final de semana cerca de onze grupos paraenses, esperam que a iniciativa desperte o interesse do público pelo gênero.

"O carimbó é uma cultura viva. Tem que se tocar, cantar e viver carimbó. Hoje, se fala mui-



Músicos jovens e veteranos têm no Coisa de Negro um espaço para troca de experiências

INICIATIVAS

Foto 49 - Jornal Diário do Pará 07-06-2010
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray

Diário do Pará
sábado Belém-PA, 04/06/2011

VOCÊ 5

MÚSICA

Um jeito urbano de fazer carimbó

Banda Curimbó de Bolso lança hoje segundo disco autoral com show em Icoaraci

GIL SÓTER

Música que soa ribeirinha, fala de floresta, de lença cabocla, e mistura acordes psicodélicos de guitarra com percussão indígena. De batucadas da tradição paraense e do flerte com o rock, com a MPB e até mesmo com a música erudita se fez a sonoridade do Curimbó de Bolso.

"Estamos fazendo música contemporânea. Escutei muita música erudita, MPB, rock - de Pink Floyd a Alceu Valença e Mozart. Todas essas influências dialogam com o que fazemos. É um jeito urbano de fazer carimbó", diz Félix Faccom, fundador do grupo que acaba de lançar seu se-

por Félix, principal compositor da trupe formada por dez integrantes, entre eles, nomes de prestígio da música paraense, como Fábio Cavalcante e Maurício Panzera.

O álbum traz parcerias nas faixas "Comida de Caboclo", de Osmarino Telles e Ronaldo Farias; e "Espelho de Raiz", de Deodoro Oliveira, que abre o disco.

"A primeira canção tem a ambiência de uma novena. É um agradecimento a Deus e uma forma de abençoar o nosso trabalho", revela Faccom, músico autodidata, que começou a tocar flauta doce aos 13 anos, em Óbidos, cidade do Médio Amazonas, coração da floresta.

"Quando falo que gosto de peixe, é porque comi esse

o compositor, que se mudou para Belém há 20 anos, e desde então se dedica a pesquisar ritmos tradicionais paraenses.

O trabalho culminou na criação do Curimbó de Bolso, formado há oito anos. Em 2005, o grupo lançou o primeiro disco, "Cantação Amazônica". O segundo foi gravado em dezembro do ano passado e sai agora pelo selo Nã Figueredo, com patrocínio do Conexão Vivo.

"Sempre vai ter espaço para a música de raiz. Com a história da globalização, o mundo fica louco para saber o que se ouve no fundo da mata. É a curiosidade de buscar o diferente", defende o empresário Nã Figueredo, nome à frente do projeto, que inclui ainda o lançamento de mais

Fábio Cavalcante e um disco com três canções inéditas do Mestre Verequete, gravadas numa passagem dele pelos muros estudiais", adianta Nã.

Nos shows deste final de semana, o Curimbó de Bolso sobe ao palco com uma formação mais enxuta: Luiz Bolla, Douglas Dias, João Pinho e Marcinho na percussão; Allan Carvalho, violão e voz; hanojo e vocal com Félix Faccom; flautas com Antônio Geraldo e Esquilo, que também toca sax soprano. A banda toca ainda no próximo dia 7, no Teatro Margarida Schiva-sappu, no Centur.

ASSISTA

Show da banda Curimbó de Bolso. Hoje, às 22h, e amanhã, às 20h, no Espaço Cultural Coisa de Negro (rua Lago de Castro, 1.081, entre 51 e 6ª Rua, Icoaraci).



A banda Curimbó de Bolso: percussão musical e múltiplas referências

Foto 50 - Jornal Diário do Pará 04-06-2011
Fonte: Acervo Mestre Negro Ray



Foto 51 - Jornal Diário do Pará 07-10-2011
 Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



Foto 52 - Jornal Diário do Pará 12-09-2014
 Fonte: Acervo Mestre Nego Ray



OSWALDO FORTE / ARQUIVO O LUBE

Era manhã do dia 11 de setembro de 2014. No Ver-o-Peso, o grupo Sancari, do bairro da Pedreira, saudava os primeiros raios de sol com pau e corda, dança e música, alegria e uma leve apreensão. O dia prometia ser especial: dali a poucas horas o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reuniria seu Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em Brasília (DF), para deliberar sobre um assunto relativo à ancestralidade cultural amazônica, mais especificamente paraense - mas que logo seria um assunto de importância nacional. Como se esperava, o carimbó teve seu registro aprovado, por unanimidade, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

A decisão coroou uma árdua campanha que começou em 2005, em Santarém Novo, nordeste paraense, quando se decidiu buscar reconhecimento e valorização para

esta mistura de dança, música, espiritualidade e modo de vida. "Só não queremos que este seja o dia oficial do carimbó", brincou Isaac Loureiro, coordenador da Campanha do Carimbó e presidente da Irmandade de São Benedito, ao desejar que um dia tão esperado pelos paraenses não seja atrelado ao fatídico 11 de Setembro, data conhecida pelo atentado terrorista às Torres Gêmeas nos Estados Unidos.

Apesar do tom jocoso ao tentar desfazer a lembrança do triste acontecimento que abalou o mundo em 2001, a preocupação de Isaac era justa. Ao longo de uma vida ligada ao carimbó, a Irmandade de São Benedito sabia quantos atentados este componente da cultura paraense já havia sofrido. "Muitos mestres de carimbó morreram à míngua, sem qualquer valorização e reconhecimento. Muitos registros dessa cultura foram perdidos para sempre", comentou o presidente da

associação, procurando não mais lamentar e sim crer na perspectiva que se abria para quem vive do carimbó no Pará. Junto com a Irmandade de São Benedito, de Santarém Novo, as associações Raízes da Terra, Japiim e Uirapuru, todas de Marapanim, também fizeram o pedido de reconhecimento do carimbó ao Iphan.

Registrado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, o carimbó agora é um bem nacional. Mas que não sobreviveria até o ano presente se não fosse por seus "detentores", termo que o Iphan utiliza para caracterizar os mestres de carimbó, compositores, músicos, dançarinos e todos aqueles que mantiveram vivas, por mais de 200 anos, as tradições que fazem dessa cultura um bem digno de orgulho nacional. Por isso, para o primeiro passo após o registro - a elaboração do Plano de Salvaguarda - estes detentores te-

ALVORADA
Antes do anúncio oficial do carimbó como patrimônio cultural imaterial do Brasil, o grupo Sancari já fazia festa no Ver-o-Peso nas primeiras horas da manhã de 11 de setembro de 2014

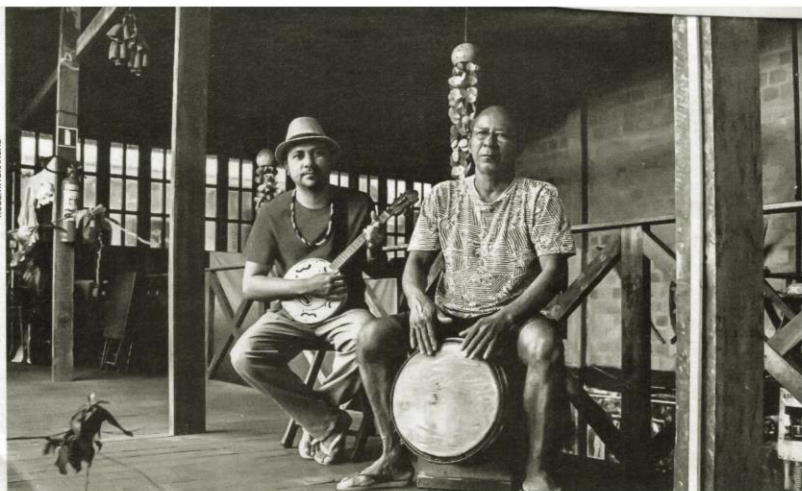
Foto 53 - Revista Amazônia Viva - novembro 2014
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

oz ativa. “O plano de salvaguarda a proposta de gestão compartilhada de ações que visam à conservação, valorização, proteção e garantia de implementação de ações que gam a perpetuação do patrimônio trado”, explica Cyro Lins, técnico antropologia da área de patrimônio material do Iphan no Pará. “O e pretende fazer é reunir os detes para estabelecer o modelo onstrução do plano. Adotamos, ea imaterial, este modelo de entos diagnósticos de alinhamento oposições, para que os próprios itores opinem sobre a melhor a o processo pode ser conduzido”, leta.

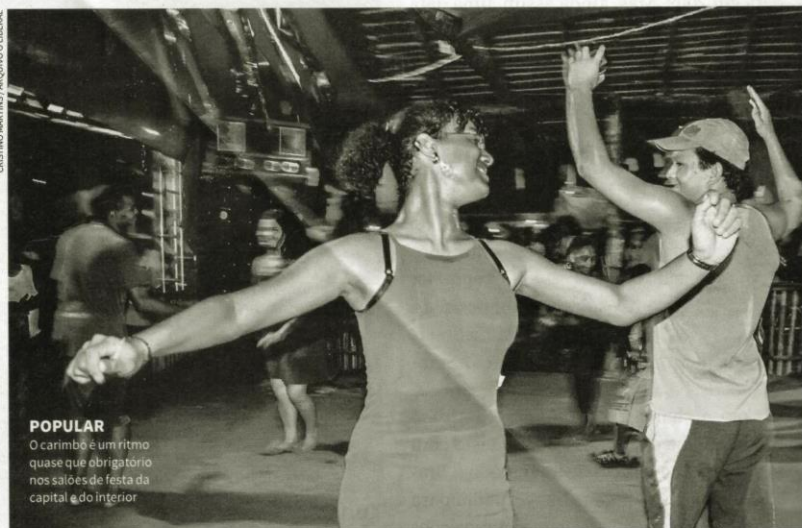
elaboração do plano de salvaguar- o entanto, esbarra no atual mo- do político do Brasil, com o encer- nto das eleições no mês passado. ordo com Lins, no que diz respeito administração pública, o período n de ano também fará com que o nento só seja discutido, provavel- e, em março, quando começará e de planejamento de ações para lso não impede, porém, a tomada cisões emergenciais, já diagnosti- s durante o processo de pesquisa, a na fase da elaboração do dossiê foi apreciado pelo Iphan para a ão de tombar o carimbó. “Exis- ções de salvaguarda que já foram volvidas com recursos do Iphan, oficinas para ensinar a fazer flautas- rtesanais. Os mestres que detêm conhecimento já estão em uma e avançada e, pelo que vimos, existi- ficuldade de passar esse conheci- o”, alerta o técnico do instituto.

MESTRES

participação do maior número etentores e de comunidades di- tes, nas reuniões para a elabo- o do plano de salvaguarda do mbó, é a condição sem a qual é possível começar um processo



MISTURA DE ESTILOS Luizinho Lins e Nego Ray, fundador do Coisas de Negro, defendem a “globalização” da cultura musical do Pará



POPULAR
O carimbó é um ritmo quase que obrigatório nos salões de festa da capital e do interior

de gestão compartilhada dessa cultura. Uma das ideias do Iphan é que, para isso, seja criado um Conselho de Mestres de Carimbó, que funcionaria como um conselho consultivo para o órgão. A proposta é que o grupo seja o mais heterogêneo possível, abarcando detentores de regiões diferentes do Pará.

É aí que volta à cena a Campanha do Carimbó. Segundo Isaac Loureiro, hoje os participantes da campanha já se organizam para que dela surja outra entidade, reunindo detentores de vários lugares do Estado.

“Nossa campanha vai se transformar em uma sociedade que agregue todo este universo do carimbó, e se torne propo-

nente neste processo de elaboração do plano de salvaguarda. Seria uma ‘entidade guarda-chuva’, que represente todos os grupos. É um processo complicado, já que, só em Marapanim, há mais de 40 associações de carimbó”, afirma o presidente da Irmandade São Benedito.

Isaac Loureiro diz que a prioridade nesse processo é a valorização dos mestres de carimbó. Ele afirma que é preciso garantir a transmissão de saberes fundamentais do carimbó, que estão se perdendo, inclusive a construção artesanal de instrumentos próprios dessa cultura, como as flautas, que hoje, segundo o coordenador da campanha, são usadas mais como suvenires e peças de decoração.

Foto 54 - Revista Amazônia Viva - novembro 2014
Fonte: Acervo Mestre Nego Ray

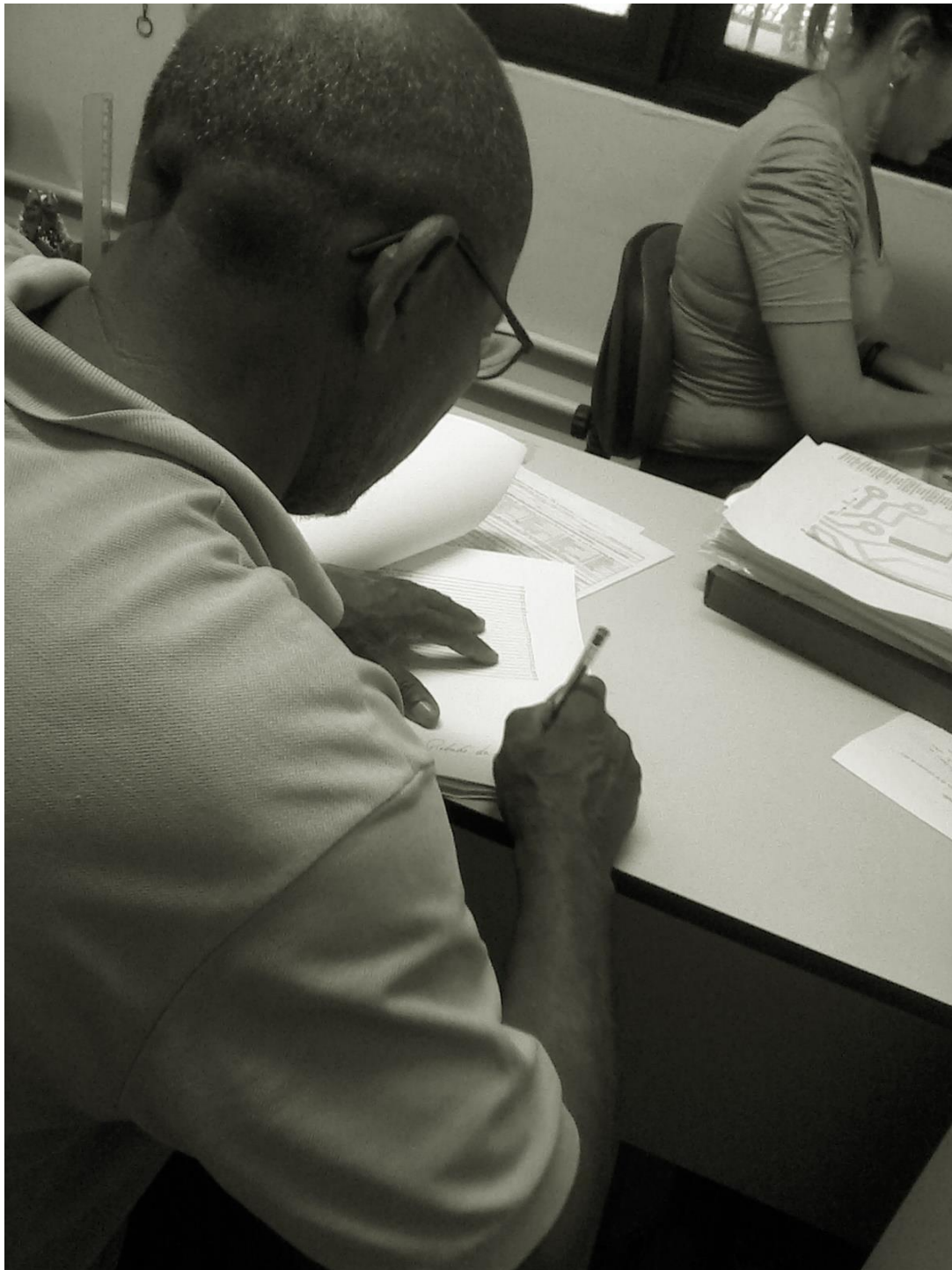


Foto 55 - Registro das letras de música 01-12-2015
Fonte: Carina Lima

PPGARTES, 2021



C. Artes PS PPGARTES
ft Progr.;im;i de Pos-gr du;i ao
..... cm /rtcs d;i UFPA



LABORATÓRIO DE ETNOMÚSICA - LOGIA DA UFPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

